CINEARTE

LEW A

Frances Dee
CINEARTE

BETTY COMPSON

ENCERRA-SE o anno Cinematographico sem que nos haja trazido uma novidade sequer. De facto, recorrendo a memoria, que nos apresenta 1931 em materia de Cinema?

O mesmo aspecto da crise que em meados de 1930 começou a assolar o universo e a que não escapou nem escapar podia o Cinema.

E tanto menos podia este escapar quanto a crise geral veiu acommettel-o em meio da particular, da propria, da crise Cinematographica originada pelo Film sonoro.

Dois factores, portanto, para que a poderosa industria se sentisse abalada em seus fundamentos.

Dahi essa queixa que echôa de Hollywood a todos os mercados consumidores prophetisando o fechamento dos Cinemas, se não lhes acudirem os poderes publicos.

E ahi dá-se um singular phenomeno. Querem os representantes das grandes empresas productoras, pedem os proprietarios de estabelecimentos de projecção que os governos os alliviem dos impostos.

Premidos, porém, pela mesma crise que faz minguar as fontes de receita fiscal os governos fazem ouvidos de mercador porque a elles lhes são necessarias tambem novas fontes de renda para cobrir *deficits* apavorantes dos publicos orçamentos.

E se andam á cata de novas fontes de renda, como dispensar as antigas? Depois a Cinematographia como diversão que é, entra na categoria das fontes de renda que representam uma taxação sobre o superfluo.

As taxas de caridade hoje existentes em todos os paizes civilisados sobre entradas em estabelecimentos de diversão, theatros, Cinemas, campos de corridas ou de foot-ball, representam a quota de solidariedade humana que o Estado exige dos que têm de mais, em beneficio daquelles aos quaes tudo falta. Essa taxa incide directamente sobre o cliente do estabelecimento de diversão.

Este, porém, o Estado entende que deve proporcionalmente pagar sobre os lucros que aufere explorando um genero de negocio que vive do excesso das rendas dos outros.

Difficil é, muito difficil, conciliar os interesses do fisco, premindo sempre a administração publica pela necessidade de augmentar as suas rendas, com os do contribuinte que busca sempre pagar ao mesmo fisco o menos que pode, defendendo o lucro auferido com a sua habilidade commercial.

Por isso e por outros motivos foi 1931 um anno bastante fraco em materia de Cinema.

Das grandes producções, poucas na realidade se revelaram excepcionaes, e entre estas deve ser logo posta em relevo a de Charles Chaplin "Luzes da Cidade", incontestavelmente a melhor cousa que andou em 1931 por nossas telas e que esperamos rever em 1932, 1933, 1934...

O Cinema Brasileiro avançou alguns passos. Um ensaio de film sonoro que ainda está sendo exhibido dilatou as possibilidades dessa industria nossa. Esforços aqui e nos Estados para produzir mais e melhor vão sendo coroados de successo.

E, se assim é, não poderemos dizer que haja o balanço se encerrado com *deficit*.

Tenhamos esperanças. Tenhamos fé. Tenhamos confiança.

Ha muita gente que pensa que fazer Cinema Brasileiro é uma pretensão artistica, uma mania, divertimento, espirito de imitação ou cousa que o valha. A arte é uma das grandes demonstrações da cultura de um povo. O Brasil, que já possue tanta cousa admiravel, procura tambem possuir o Cinema que é a manifestação artistica mais interessante, a de mais valor e a mais moderna. Demais, Cinema encerra tambem Industria, Commercio, Diversão, Instrucção, Educação e... todas as artes...

O lado patriotico do Cinema Brasileiro não está no facto de fazel-o porque o estrangeiro tambem o faz. Não é simples vaidade. O verdadeiro patriotismo está no que o Cinema pode fazer de util e pratico para o nosso paiz. Amparar, prestigiar e ir ver os nossos Films não é um patriotismo de "verde amarello" e de "patria amada."

Não se deve ir ver um Film brasileiro por pena ou com a imitação de que se paga e se exige cousa boa para divertir, sem lembrar-se que muitas vezes se paga mais caro para ver Films bem mais abaixo dos nossos Films. Ha muita gente que vae ver um Film brasileiro e o compara logo a "Ben Hur"... Sem lembrar-se dos Films de Tom Tyler, e até de outros mais famosos...

Se a casa os julga exhibiveis é porque elles os são. Aliás, os nossos Films ultimamente tem estado nos grandes Cinemas com a mesma apresentação de qualquer super-producção estrangeira. Temos que vel-os de qualquer maneira para prestigial-os porque já dissemos aqui mesmo que o Brasil precisa de Cinema como precisa de carvão, estradas de ferro e usinas electricas. E precisa de Cinema como precisa de livros e escolas. Para os que duvidam das nossas palavras e não vem o bem que nossos Filmizinhos, embora defficientes, podem fazer, vamos transcrever aqui uma declaração publicada no Jornal de Ipaussú, Estado de São Paulo:

DESPEDIDA

"A' nossa retirada desta boa, prospera e hospitaleira terra, para o cumprimento antecipado do nosso dever de moços, qual o da prestação do serviço militar, por isso que vamo-nos alistar entre os voluntarios do 4.º R. A., em Quitaúna, aqui deixamos, na carencia de tempo para fazel-o pessoalmente, as nossas despedidas, a todos quantos aqui honraram-nos sempre com sua bondosa amisade, assegurando-lhes que, incorporados ao brioso exercito nacional, e isto, em parte, pela suggestão da bella fita nacional — A's armas! — aqui ha pouco exhibida, lá, na caserna, não esqueceremos esta terra, nossas familias e nossos amigos e seremos verdadeiros soldados, sobrepondo a tudo o estricto cumprimento de todos os nossos deveres.

Ipaussú, 1 de Setembro de 1931.

Daniel Spagolli, Armando Bonfani, Antonio de Almeida Ramos, Julio Vieira, José Arruda Oliveira, Armando Mora, Roberto Xavier Oliveira, Olympio de Almeida, Pedro Mastrodomenico, Waldomiro Bueno Coelho, Gabriel Rodrigues da Silva, Rubens Bueno de Mello, Angelo Mantovani, Eudoxio C. Mattos.

Os Films americanos mesmo já muito fizeram pelo Brasil. Já levaram ao sertão muita civilisação. Mas só nossos Films poderão accrescentar o sentimento nacionalista...

*
* *

Sylvio Motta, chronista cinematographico do "Estado do Rio Grande" testejou o seu anniversario no dia de Natal.

Sylvio Motta tem sido um dos que mais tem diffundido as noticias do nosso Cinema.

*
* *

Os programmas de producção impressos em revistas americanas que temos ultimamente lido, trazem, quasi todos, um sello que tem, nelle impresso, duas mãos pedintes recebendo o obulo da mão protectora. São os seguintes os ditos que cercam o desenho: — Semana Nacional do Cinema. Para beneficio dos desempregados locaes. E dentro, ao lado do desenho: — Dê-lhe um obulo. Isto significa que a crise não é apenas Brasileira, como muitos alarmistas querem fazer suppôr. E' mundial e se attinge os proprios Estados Unidos nesse grão, o consolo é bem grande e poderoso...

CINEMA

Em Janeiro de 1932 começa a correr o novo contracto de cinco annos que Ronald Colman assignou como Samuel Goldwyn, antes de partir para a Riviera, em viagem de descanço e recreio.

Déa Selva

de "Ganga Bruta"

da Cinédia.

Déa já venceu. Toda a cidade já commenta o seu successo

BRASILEIRO

Déa Selva

e

Durval Bellini

(Bought) — Film da WARNER BROS.

CONSTANCE BENNETT .... Stephany Dale
Ben Lyon .... Nick Amory
Richard Bennett .... Dave Meyer
Dorothy Peterson .... A Mãe
Raymond Milland .... Charles Carter Jr.
Arthur S. Hull .... Carter Sr.
Mae Madison .... Natalie Ransome
Maude Eburne .... Sra. Chauncey
Clara Blandick .... Sra. Sprig

Director: — ARCHIE L. MAYO.

Emquanto pequena, tudo lhe passára desapercebido. Depois que poz o primeiro vestido comprido e ruborizou as faces com **rouge**, começou a estranhar o absoluto silencio que havia, naquella casa, em torno do nome e da pessoa de seu pae. Quem seria elle?... Mas coragem lhe faltava para afrontar a bondade de sua mãe com semelhante pergunta. Calava-se. E apesar de desejar melhor vida para si, cousa instinctiva e criada dentro do seu coração, ia supportando aquella vida humilde como quem já não tem mais remedio. Sentia que nascera para repousar o corpo em fôfas almofadas. No seu sangue estava a fibra que a fazia apenas desejar arminho e seda para lhe tocarem o corpo incomparavel. E se bem que tal não pudesse occultar, nada fazia para melhorar de sorte e nem um passo dava para se collocar e auxilliar sua mãe a vencer as difficuldades da vida.

No dia do seu anniversario, sua mãe e a Sra. Chauncey, proprietaria da pensão onde residem, presenteiam-na. No que lhe dá sua pobre mãe, Stephany não encontra o menor interesse. Meias de fio de Escocia. Cousa pouco do seu gosto... E no que lhe dá a Sra. Chauncey, apenas lhe chama a attenção e a interessa, vivamente, um lenço de seda que ella ganhára de uma familia rica para a qual lavava roupa. Aquelle lencinho, pequenino e atôa, symbolisava, naquelle instante, deante dos olhos della, a verdadeira situação que desejaria desfructar. Só lenços assim queria ter... E se os tivesse taes, como seriam as suas joias e as suas "ultimas modas"?...

Depois que tudo cessa e a noite já adiantada está, Stephany tem uma phrase que aterra sua Mãe.

— Até hoje, nem siquer sei a qual homem deste mundo deve a vida...

Aquillo sahira-lhe espontaneamente do coração. Se pensasse, talvez não dissesse. Mas sahira e estava dito. Quando se voltou, notou, no rosto de sua pobre mãe, uma pallidez differente e um tremor estranho. Accudiu-a. Depois que seu espirito se acalmou um pouco, a Sra. Dale resolveu pôr ali, deante dos olhos da filha que já era mulher, a verdadeira situação do seu passado.

— Senta-te! Quero que me ouças...

Stephany obedeceu-a. Não occultava a emoção que tambem sentia e foi assim que se poz deante de sua mãe. As palavras vieram-lhe aos solavancos, entre soluços, arrancadas de um passado que até ali ella tentára soterrar e vinha agora á superficie

com tanta facilidade numa simples phrase de sua filha...

— Teu Pae... pouco te importa o seu nome. Não merece a tua affeição e nem o teu mais simples pensamento. Teve-me quando eu era moça e no rosto trazia a tua formosura. Prometteu fazer-me feliz. Em troca deixou-me o peso de uma vergonha eterna e você, minha filha, da qual até hoje occultei este fracasso do meu caracter e que até hoje procurei preservar de conhecer esse trecho negro do passado... Não sei se elle está vivo ou morto. Jamais o vi. Apenas sei que foi o homem menos digno que já encontrei em minha vida...

Quando terminou, tinha Stephany aos seus pés. Ella comprehendia perfeitamente a situação daquella pobre criatura e, meiga, acariciava-a. Sentia tanto quanto a mãe aquelle tremendo golpe e lastimava-se por ter sido tão cruel na sua phrase que provocára aquella confissão... E naquella noite, depois que se recolheram, Stephany teve, mais viva ainda, a noção da nodoa negra do seu passado... Mas quando chegou a madrugada, uma resolução tomára: — trabalhar para auxillio de sua mãe e melhoria de sua propria vida.

* * *

Empregos... Não lhe foi facil achal-o. De preferencia procurou em casas de moda, como modelo. Agradavam-lhe os vestidos bonitos e os ultimos figurinos. Se os pudesse usar... Mas era inutil. A humildade dos seus vestidinhos não permittiam, ás donas das casas de moda, siquer imaginar a prespectiva do que ella poderia ser num costume ou num traje de **soirée** "ultima moda." E quando já entrava o desanimo pelo seu coração a dentro, a solicita attenção e as palavras meigas mais sinceras de um senhor de cabellos brancos mas sempre um senhor elegante e visivelmente muito rico, valeram-lhe de muito.

— Se quizesse... poderia auxilial-a a conseguir o emprego que almeja nessa casa... Ouvi o que conversaram e creio que aqui tenho sufficiente voz activa...

Stephany pensou muito pouco. A apparencia de Dave Meyer, o homem que tinha diante de si, não a desagradava. Além disso, embora fosse visivelmente conquistador, era distincto e rico. Rico! Isto bastou. Accedeu e já de antemão se preparou para os provaveis ataques amorosos que delle receberia...

Quando voltou para casa, radiante, feliz, finalmente satisfeita da vida, encontrou o corpo já sem vida de sua mãe cercado de cyrios e pessoas visinhas. A emoção foi violentissima. Nunca pensára que o destino fosse tão cruel...

* * *

Mezes depois, apesar da grande saudade e da falta immensa que lhe fazia sua mãe, Stephany levava a vida dentro de um "quasi" ideal e, além disso, dos bons vestidos que trajava nos desfiles da loja e naquelles que a casa lhe permittia usar na rua para propaganda, cousa que conseguira sem saber como, mas suspeitando, sem querer ter a certeza, de que era mais uma obra de Dave Meyer, além disso tudo, Stephany encontrára na amisade e nos modos delicados e intelligentes de Nick Amory, um escriptor de talento e, como tal, sem dinheiro, alguma cousa que lhe falou ao coração e que ella não soube se era amor, apenas por um motivo: — ser Nick um grande relaxado e um "prompto." Se elle fosse distincto, elegante e da "alta", possivelmente elle teria comprehendido que fôra um caso de "amor a primeira vista"...

Numa noite, Stephany ficou entre dois convites. Nick convidara-a para um passeio. Provavelmente um Cinema barato, finalisando. E Dave Meyer propuzera-lhe um espectaculo da Opera. Pouco pensou para resolver. Com Nick, estaria o tempo todo dentro da vulgaridade, do rasteirismo do seu bairro tremendamente pobre. Com Dave, apesar dos seus provaveis galanteios e investidas, estaria sempre dentro de um Theatro frequentado pela melhor sociedade da Cidade e onde queria, portanto. Acceitou a Opera.

De regresso, depois de emoções varias, vinha notando que Dave preparava-se para o primeiro ataque directo. Sentia isso. Elle já promettera lhe arranjar outro emprego, muito melhor remunerado, como enfermeira de um famoso medico e pedindo para acompanhal-a á sua casa, onde queria escrever o cartão de apresentação, naturalmente iria lhe propôr casamento ou... Bem! Ella saberia fazer com que elle propuzesse casamento e se o fizesse... Sim! Esqueceria Nick, é logico! A si propria já tinha muitas vezes jurado amar, respeitar e querer muito bem áquelle que lhe desse luxo, dinheiro e conforto eterno....

Em casa, Dave sentou-se para escrever o cartão. Quando seu olhar percorreu o ambiente e cahiu sobre a photographia enquadrada da Sra. Dale, mãe de Stephany, empallideceu. O seu primeiro impeto foi erguer-se. Sentiu qualquer cousa que o tocou violentamente e que talvez tivesse uma commoção muito seria, ali, se não respirasse melhor. Stephany mal lhe notou a emoção. Preoccupada demais estava ainda com o que vira, naquella noite de emoções e, assim, respondeu distrahida á pergunta que Dave lhe fazia sobre de quem era a photographia.

— De Mamãe...

— E seu Pae?...

Perguntou elle tremulo.

— Não a tenho. Nem cheguei a conhecel-o. Mamãe me disse que é provavel que elle tenha morrido na India, onde ha tempos andou...

Dave comprehendeu a gelidez daquella phrase. Continuou escrevendo. Depois ergueu-se. Despediu-se della, deixando-lhe o cartão de apresentação e apesar do grande desejo de apertal-a contra o coração, mas já como a filha que a tanto tempo elle esperava encontrar e conhecer, retirou-se sem o fazer. Temeu ser mal comprehendido e preferiu retirar-se.

(Continúa no proximo numero).

Ben Turpin e senhora na noite da primeira de um grande Film no Cinema Carthay Circle...

Pergunte-me outra...

RANULIA — (S. Salvador-Bahia) — Aqui está um commentario seu sobre John Boles que eu vou passar ao meu collega da "Pagina". Pois não andava avara de cartas, então ? De facto, demorei a responder a sua ultima carta, por que tive muitas. Mas não ha nada, você não se queixará mais disso, sabe ? De facto, elle teve sorte. Mas você continue boazinha. Eu fiquei querendo mais bem a você quando você me disse que ficára com toda responsabilidade sobre os hombros. Querendo bem e admirando ! Você é esplendida, Ranulia e eu acho que você merece muito da minha estima. Continue sempre assim que Deus ha de ouvil-a e lhe satisfará o ideal tão bonito. Eu rezo sim, Ranulia, nem que precise procurar um Lionel Barrymore que me ensine a enclavinhar os dedos, como elle o fez para Gloria Swanson, em *Seducção do Peccado*... Boa consideração sua sobre *Marrocos*. Norman Foster, o marido de Claudette Colbert. Sim, Paramount Publix Studios, Hollywood, California. Vae sahir, sim. Tambem sahirão, brevemente. Mas você mudará de parecer, sim. Elle é esplendido e a melhor figura masculina do nosso Cinema. Eu sou *fan* delle. E você receba a "retribuição" e muita amisade tambem. Até logo.

PERFECTO — (S. Salvador-Bahia) — Você tem uma letra estupenda, Perfecto. 1.° — Marlene Dietrich, Paramount Publix Studios, Hollywood, California; 2.° — Conchita Montenegro, Fox Studios, Western Avenue, Hollywood, California; 3.° — Jeanette Mac Donald, Paramount Publix Studios, Hollywood, California; 4.° — ignorado; 5.° — Anita Page, M.G.M. Studios, Culver City, California. Escreva-lhes e aguarde tres mezes a resposta. Até logo, Perfecto.

FAN ATICO — (Ribeirão Preto-S. Paulo) — Pois se isso se realizar, folgarei bastante. Mas por que ? Ora essa ! E' calouro, mas é muito desembaraçado e insinuante. Não figurou em *Mocidade Louca*, não. Cinco annos. Não gostamos, não. Elles é que nao gostam de publicidade... Pois é outro que assim que mandar, publicaremos. As suas "aspas" não servem de ratoeira, meu amigo... Elle é que deve mandar... Tanto querendo acertar, você erra tanto, meu amigo... Mas eu sou "eterno", não sabia ?... Até outra.

JOSE' RIBEIRO — (Barretos-S. Paulo) — Sim, o endereço de Lú Marival é *Cinédia Studio*, rua Abilio, 26, Rio. Escreva-lhe.

RUDIE — (Ribeirão Preto-S. Paulo) — Palavra, estou gostando de Ribeirão Preto ! E' uma cidade que me está dando tantos *fans* ! Você é dos mais antigos, Rudie e sempre "bemvindo", é logico. E que me diz do seu passeio ? Lastimo essa perda e quero crer que você já esteja mais consolado. De facto, é um irremediavel difficil de supportar, Rudie, mas faça-se forte. Agora é que você o deve ser. Todos bons. Irá ahi, sim e breve. Pois mande quando quizer. Volte sempre, Rudie.

NORTHERN COW-BOY — (Fortaleza-Ceará) — Pois não e, com satisfação. 1.° — Ken Maynard, Tiffany Studios, 4516, Sunset Boulevard, Hollywood, California; 2.° — Tom Tyler, Universal Studios, Universal City, California; 3.° — Hoot Gibson, Allied Pictures Studios, Hollywood, California; 4.° — Buck Jones, Columbia Studios, 1438, Gower Street, Hollywood, California; 5.° — Bob Steele, Tiffany Studios, 4516, Sunset Boulevard, Hollywood, California. E' a Paramount que distribue *Mulher*... Volte quando quizer.

MARISA — (S. Paulo) — Você, Marisa, tão interessante, tão intelligente, põe a gente aqui sem cartas suas tanto tempo... Por que ? De facto, é uma cousa interessantissima e "gosada", tem razão. Aguarde as proximas. De toda forma, muito sinceras e muito do coração. Você nem imagina ! A paixão é natural: — principalmente quando é de Greta Garbo que se trata. Pois é o que fazemos assim que elles sejam publicados. Mas acho que sómente ella provocaria semelhante reacção. Admitte-se a expressão e... *how* ! E qual é o assumptozinho ? Você quer ver se eu sou curioso, não é ? Pois sou, sim e mais do que você, talvez... Até logo, Marisa.

ARAKEN FAHENHEIT BENHUR — (Natal-R. G. do Norte) — Pois aqui estão suas respostas: 1.° — 10; 2.° — 7; 3.° — 7; 4.° — excepcional; 5.° — 8. Estamos considerando opiniões como a sua. E' provavel voltarmos ao que era antigamente. Até logo, amigo... não, é muito comprido o seu pseudonymo.

LUIZ BUARQUE — (Maceió-Alagôas) — 1.° — Anita Page, M. G. M. Studios, Culver City, California; 2.° — Clara Bow, provisoriamente ausente do Cinema; 3.° — Jeanette Mac Donald, Paramount Publix Studios, Hollywood, California.

SINHA' MOÇA — (Rio) — Pois ha e sempre. Sinhá. Sim e não, ao mesmo tempo... Você comprehende, não é ? Pois faça-o quando quizer. A opinião é toda pessoal e a sua, sendo franca, já por si é meritoria. Mas ainda que eu fosse, não tinha importancia. Mas não gosta, por que ? De toda fórma, não acha que todos somos brasileiros ? Sim, foi um successo esplendido e animador. Não, escreva em brasileiro mesmo. Escreva a Lú Marival para *Cinédia Studio*, rua Abilio, 26. Rio. Tem razão: — ella é isso mesmo pessoalmente. Manda, sim e já tem enthusiasmado aos *fans* com as que tem enviado. Volte quando quizer, Sinhá.

V. W. JIMMEY — (Recife-Pernambuco) — E' um assumpto que você tem razão de reclamar, mas um dos numeros passados, na secção "Cinema do Brasil" foi explicado. Você leu ? Não acha justo ? Eu não deixo de responder a ninguem e por que o deixaria de fazer a você, amigo Jimmey ? Naturalmente a carta extraviou-se. Rua Sachet, 34, é agora o endereço da redacção. Ellas responderão, pode crer, Jimmey. Até logo.

HENRIQUE JUNIOR — (Irapira-S. Paulo) — *Cinédia Studio*, rua Abilio, 26, Rio. Recebi as photographias e agradeço. Volte sempre, Henrique.

KENNY MAC KYNN — (Rio) — Você accertou a porta do "consultorio" mas enganou-se no nome do "medico"... Amigo Kenny, não queira ser Sherlock... 1.° — Harold Lloyd tem luva na mão direita para encobrir a falha de dois dedos que perdeu num desastre; 2.° — Ken Maynard está com a Tiffany e já completou uma serie de oito Films e está na segunda. E a Tiffany, você sabe, não tem distribuição certa, aqui; 3.° — Não garanto. A maioria costuma pedir dinheiro, mas ha alguns que respondem. Tente. 4.° — Ha seis mezes, mais ou menos, publicou uma; 5.° — Leu o artigo que sahiu a esse respeito no "Cinema do Brasil" ? Volte quando quizer, Kenny.

RAPHAEL MEZZOTERO — (S. Paulo) — O Film chama-se *Onde a terra acaba* e Celso Montenegro é o galã de Carmen Santos, no mesmo. Lia Torá está de viagem para o Brasil, se já não chegou. Tom Mix está quasi restabelecido e tão cedo o esteja, começará a dar cumprimento ao seu contracto com a Universal. L. S. Marinho ficará definitivamente aqui no Rio, sim. *Hollywood*, o livro que elle escreveu, será editado muito breve. Aguarde-o por ahi que será lautamente vendido pelo Brasil todo. Até *outra* amigo Raphael.

ALTAIR — (Rio) — Pois se as respondeu, Altair, é envial-as para Rua Sachet, 34, escriptorios de CINEARTE. Desculpe, Altair, não se zangue, mas só dou respostas por aqui e não o faço para endereços particulares.

RILAU — (Rio) — 1.° — Marilyn Miller não deixou o Cinema, não. *His Majesty Love*, é um Film que terminou, recentemente, sob a direcção de Wilhelm Dieterle, com Ben Lyon ao seu lado, como galã; 2.° — Laura La Plante não está com contracto certo nesta empresa ou noutra qualquer, mas tem apparecido em varios Films, como *Arizona*, *Meet the Wife*, ambos para a Columbia e outros, ainda. 3.° — Alice White, depois que terminou o seu contracto com a First National, fez um Film para a Columbia, outro para a Superlative e, depois, percorreu os theatros de todos os Estados americanos para exhibir as suas qualidades de artista de *vaudeville*. Agora, em New York, de volta da *tournée*, promette voltar ao Cinema e pretende embarcar breve para Hollywood. Os escandalos da sua vida particular é que a põem um pouco "controlada" pelas respectivas "listas negras" de Hollywood. Mas ella vencerá, assim como Clara Bow, temos fé. 4.° — Mary Brian ainda apparecerá em alguns Films da Paramount, a qual deixou e, em seguida, em *Ultima Hora* (Front Page), da United Artists e alguns outros da R.K.O. Anda *free lancing*, ou antes, trabalhando em todas as fabricas que lhe offereçam papeis e contractos razoaveis. 5.° — Sue Carol, de facto, anda no *poverty row* absoluto, ou seja, com os productores independentes mais fracos. Não sei a que deve ella o seu tão radical fracasso, mas pouco tem feito, ultimamente. Ella era tão interessante, sim. Volte quando quizer, amigo Rilau.

OPERADOR.

Carnaval vem ahi...

Kay Francis

Mary Brian

Anita Page

Lillian Bond

Dolores Del Rio

Cinema contra Cinema

(ENTREVISTA PELO TELEPHONE)

Joaquim Canuto Mendes de Almeida. Escreveu Films Brasileiros. Dirigiu "Fogo de Palha". Escreveu agora um livro, "Cinema contra Cinema". E' promotor publico de Tatuhy, Estado de S. Paulo.

Joaquim Canuto Mendes de Almeida afastou-se, ha tempos, das lidas de Cinema. Escriptor de umas tantas fitas, dirigiu, tambem, "Fogo de palha", do Cine-Clube e foi com os seus pontos de vista, um infatigavel batalhador em pról do Cinema Brasileiro como chronista do "Diario da Noite" e do "Diario de S. Paulo" e como collaborador de outros jornaes e revistas, durante cerca de cinco annos. Formado em Direito, abandonou a imprensa e, como promotor publico, encafurnou-se pelo interior do Estado de S. Paulo.

Desde então, nunca mais as secções de Cinema dos diarios ouviram falar delle. Agora, porém, como já noticiamos, seu nome surge no cabeçario de um livro "Cinema contra Cinema", que elle qualifica de um esboço de organização do Cinema educativo no Brasil.

* *

Telephone:

— Interurbano!

— Tatuhy! Estado de S. Paulo! Quero falar com o promotor publico da Comarca. "Cinearte" é quem fala.

Poucas horas depois, conversavamos. Uma voz longinqua, explicava-me pausada e articuladamente:

— Meu livro não é apenas um plano de Cinema Educativo. E' um trabalho sobre as generalidades do Cinema tão mal divulgadas e tão pouco conhecidas em nossa terra. Entendo que o Cinema só tem força psichologica sobre os espectadores quando é bom e bem feito. Assim, num trabalho sobre Cinema Educativo que pudesse ter real utilidade pratica para os nossos homens de boa vontade, necessario se tornava escrever e ensinar muita coisa sobre a technica material e intellectual das fitas. Por isso, lá se contêm traços historicos do Cinema silencioso e do Cinema sonoro, explicação de funccionamento do machinario, descripção de processos vitaphonicos e movitonicos, regras da arte de escrever fitas silenciosas ou faladas, como fazer e Filmar essas fitas, relações entre o Cinema e os demais generos de expressão, desde a palavra, a mimica, a musica, ao desenho, a pintura e a esculptura, até a arte dramatica pura, o theatro e distincções de principios entre a "scena silenciosa" e a "tela sonora".

"Cinema contra Cinema"?

— Sim, porque defendo a these de que contra maleficios do Cinema, só podem valer os formidaveis beneficios que delle mesmo conseguimos obter. O Cinema mercantil é, em materia educativa, desordenado; mas pode se o educar. Por uma censura criteriosa, fundada em bases educativas; pela producção official de fitas capazes de neutralizar os maus effeitos do Cinema mercantil. Para isso, recommendo a submissão dos departamentos de censura ás secretarias de Educação, e não, como os temos hoje, sujeitos ás autoridades policiaes. Opino pela intervenção, nesse mistér, dos orgãos, institutos e sociedades educadoras na medida e com o equilibrio sufficientes á moralidade das fitas sem sacrificio da vitalidade da industria Cinematographica; devendo, por isso, essas funcções fiscalizadoras manter uma actividade branda, mas sempre em escala ascendente, sem os arroubos passageiros de rigor excessivo, mais prejudiciaes que uteis á obra da censura, porque a desmoralisam aos olhos do publico e ao respeito que lhe devem os empresarios.

Acho, mais, indispensavel o incentivo á industria e ao commercio productor e exhibidor de fitas, facilitando-lhes a acção os poderes publicos por todas as maneiras possiveis.

Curiosos ouviamos a palavra de Tatuhy. Ia morrer a palestra, quando, abruptamente, indagamos:

— Sabemos ser suas preferencias voltadas, no terreno do Cinema, á arte de escrever fitas. Seu livro desenvolve algum capitulo sobre esse assumpto?

— Nem eu podería descuidar-me de incluir, num livro que deve ter utilidade pratica, principios que considero substancias á realização de qualquer fita que possa merecer o nome de fita de Cinema. Puz em relevo o que considero a essencia do Cinema e de que derivam naturalmente as regras capazes de guiar o Cinema Brasileiro ao completo exito. Posso resumil-as.

— Parte da essencia do Cinema: a extrema mobilidade da objectiva de Filmagem. Uma boa fita deve mover com desembaraço os ambientes, os ambientes e as personagens nos quadros e scenas Cinematographicas.

ESSENCIA DA FITA MUDA

— Sendo silenciosa, a fita deve evitar a todo transe as situações e acontecimentos de expressão exclusivamente sonora, para não ter de usar de explicações ou dialogos escriptos. Os letreiros são a peor contingencia da scena silenciosa popular; a verdadeira tela silenciosa não os admitte.

ESSENCIA DA FITA SONORA

— Sendo sonora, a fita deve evitar, com relação ás expressões visiveis ou audiveis da historia, toda e qualquer preferencia que não se baseie na real superioridade eventual, para a situação dramatica a reproduzir, de umas sobre as outras. E' preciso não sacrificar o movimento da objectiva de Filmagem aos encantos litterarios da palestra das personagens, nem abandonar as falas e ruidos opportunos para remover a expressão ás vias silenciosas possiveis. O Cinema sonoro corre, assim, o risco de se transformar ora em theatro Cinematographado, ora em "scena muda" phonographada, dois pessimos generos de espectaculo. O Cinema falado, no emtanto, não se confunde com o theatro. Apesar da possibilidade de dialogação de ambos, o theatro, restricto á immobilidade do tablado, necessita da palavra das personagens para todo o movimento dramatico que sózinho, a scenographia não pode realizar. A passo que os ambientes no Cinema são reproduziveis em qualquer qualidade, numero e ordem, sob qualquer angulo e a qualquer distancia. Reduz-se, por isso, na tela sonora, a palavra a um papel accidental.

— Para escrever uma fita silenciosa é, portanto, necessario que o escriptor exprima a historia pelas vias silenciosas das scenas e quadros mudos, tendo os sentidos postos nos innumeros recursos que a objectiva de Filmagem offerece á imaginação humana para facilidade desse trabalho.

— Para escrever uma fita sonora o escriptor já não cuidará mais de contornar as situações ruidosas ou faladas da historia, mas tambem não as imaginará apenas porque são sonoras ou dialogadas. Preferirá as situações e acontecimentos mais expressivos e esteticos, sem se importar com que sejam barulhentas ou silenciosas.

— Para se escrever uma fita brasileira deve, ainda, o autor pezar os recursos materiaes e pessoaes da fabrica que se propõe a Filmagem. Conhecendo-os bem e sabendo com os quaes pode efficaz e plenamente contar, banirá da enquadração quaesquer quadros ou scenas para a realização perfeita das quaes forem taes recursos insufficientes.

Tem sido, aliás, nosso maior mal imaginar fitas de realização difficil e, ás vezes, impossivel para nós.

Seria longo demais ennumerar, mesmo em resumo, os principios substanciaes do Cinema explicados em meu livro. Mas tudo, que possa interessar aos cinemaniacos, ali se encontra bem desenvolvido.

— Diga-nos, mais...

— Espere lá — interrompeu Canuto ao apparelho — tenho uma denuncia a dar contra um pobre coitado que está preso ha quasi cinco dias. Um bom abraço e até breve.

* *

Depois, silencio telephonico... O trabalho de rememorar a palestra... e essa entrevista.

O sorteado entre os que acertarem ganhará uma assignatura de "Cinearte". O expediente da revista servirá de "coupon"

CONCURSO DE DEZEMBRO

Quem são?
Respostas até o dia 15 de Fevereiro

Porque as Estrellas

Janet Gaynor tem espiritualidade...

James Fidler, em Hollywood, tem o mais concorrido escriptorio de publicidade. E' elle que eleva nomes obscuros até á fama e elle que conserva intacto o successo de muitos astros e estrellas. Do que elle escreve e no que elle faz vivem muitas estrellas. Atraz do seu nome é que se occultam muitos successos. E' elle que escreve este artigo que traduzimos. E quem melhor do que elle para nos dizer por que é que as estrellas são populares?

——oOo——

A popularidade é tão illusoria quanto é desejada. No collegio, ella pertence ao rapaz mais athletico, ao que dansa melhor, ao que se veste melhor nas festas de fim de anno. As causas "standard" da popularidade, são: — saude, vigor, attracção romantica.

Mas o Cinema offerece uma variedade muito maior de razões para a popularidade. Existem as causas naturaes: — Tom Mix tem popularidade, por causa das suas audacias physicas; John Barrymore, pela sua reputação de brilhante artista; mas o que diremos de Constance Bennett, Janet Gaynor, Greta Garbo e tantas outras estrellas? Muitas dellas são, na verdade, muito boas artistas, é certo, de apparencia agradavel e fascinantes, ás vezes. Têm personalidade de sobra, em summa. Mas isso que ellas têm, tambem o têm dezenas e dezenas de pequeninas extras que andam perambulando diariamente pelos guichés de elencos de Hollywood... Por que é, nesse caso, que o successo bafeja uma Greta Garbo, uma Janet Gaynor ou uma Joan Crawford?...

Nestas palavras, não estou querendo ser regra geral e nem certo e exacto como relogio de homem methodico. Absolutamente! As minhas opiniões vêm depois de muita experiencia nos Studios e de muita conversa com seus dirigentes, os principaes responsaveis pela escolha desses referidos successos de bilheteria e muitos outros, dos quaes Hollywood está cheia. E' possivel, no emtanto, que eu omitta alguns reaes talentos. Mas desde já eu peço a todos que eu esquecer as minhas pessoaes desculpas. Não é illudir e nem enganar o meu intento. E' dizer a verdade. Mas sendo um pouco esquecido, naturalmente os que ficarem no ról dos não citados não se irão zangar commigo, tenho a certeza disso...

A popularidade de Constance Bennett deve-a ella exclusivamente, á sua propria confiança em si propria. Ella é uma "crente" das suas proprias virtudes. Ella sabe que Constance Bennett é uma mulher fascinante. Falando mais francamente: — Constance é convencida. A's vezes, o convencimento traz o aborrecimento do abandono e do pouco caso dos circumstantes. No della, no emtanto, não foi assim. Justamente o convencimento é que lhe deu toda a perso-

E Joan... por que?

nalidade que tem e que se sente nos seus Films. Ella se destina a um successo muito longo. A sua popularidade escora-se em bases muito solidas.

A popularidade do fallecido e nunca esquecido Valentino, não se devia, diga-se, tanto ao seu pessoal attractivo de physico e intelligencia quanto á sua ameaça. Explico-me! Não era a pessoal attracção de Valentino que o fez tão querido e desejado das mulheres. Foi a idéa que ellas faziam do que elle "poderia" fazer á qualquer uma dellas! Era elle, portanto, uma ameaça-sexual, direi, usando estas duas palavras ligadas para procurar achar a certa que exprima perfeitamente o que penso. Elle não era um typo de homem da caverna, homem primitivo, no emtanto, elle sempre teve, no rosto, nos olhos e no sorriso aquelle ar de crueldade que as mulheres tanto desejam quanto temem... Acho que Valentino jamais foi sadico. Mas na sua maneira de amar, de "romancear" as mulheres dos seus Films e, portanto, dando a imagem disso ás mulheres das platéas do mundo, nessa sua maneira tão sua e até hoje ainda sua, tinha elle muito de sa-

populares

dico na tortura que elle impunha á criatura que o amasse. Era essa ameaça-sexual que tornou Valentino o amante favorito de multidões de mulheres de todo mundo. Muitos arguirão estas minhas affirmativas. Mas vejam, antes de tudo, um Film qualquer de Valentino, embora velho. Elle — que Deus o tenha em santa Paz! — não era o que se possa chamar de um esplendido artista. Não era, ainda, o que se possa chamar de homem absolutamente distincto, elegante. E não possuia — não me aggridam e nem me insultem, por

Greta Garbo tem talento e passado...

favor, antes de pensar no que estou affirmando e pensar bem... — uma personalidade immensamente rutilante. Elle possuia, isso sim e um grão maximo, essa ameaça-sexual da qual estou falando e que acima expliquei o que seja. Nisso é que elle era incomparavel no Cinema e nesse lado feroz da sua personalidade é que sempre residiu a maior porção do seu phantastico e incomparavel successo, no Cinema.

Edmundo Lowe é um que tambem possue um pouco dessa ameaça-sexual. Mas é mais por suggestão do que por causa. Valentino não precisava fazer esforço algum para estar ameaçando, sadicamente, deliciosamente. Existia nelle e não precisava fazer esforço algum para mostrar. Edmund Lowe, ao contrario, "representa" essa "ameaça-sexual" que estou inventando para me explicar bem. Nas suas maneiras e nos seus gestos ou palavras, imprime elle a "representação" dessa ameaça e é nisso que está o maior segredo da sua completa victoria Cinematographica. Em outras palavras: — Edmund Lowe dá a illusão daquillo que Valentino corporificava. E' impossivel, portanto, que elle attinja ás alturas onde Valentino até hoje está. Apesar disso, no emtantto, elle é melhor conformado do que o italiano era e melhor artista, tambem.

A attracção physica é uma das razões para a popularidade. O curto reinado de Olive Borden, como estrella, equilibrou-se, todo, no seu lindo corpo que a Fox jamais fez questão de esconder. Quanto mais ella mostrasse o corpo, tanto mais sahida tinham os seus Films.

George O'Brien, pelo lado masculino, é explorado no mesmo feitio. O seu perfeito physico de athleta é apreciado. A Fox mostra-o tanto quanto o publico deseja ver. Mas nesta classe de artistas, assesta-se sempre e demasiadamente comprido o olhar da censura...

(Termina no fim do numero).

Constance sabe o seu valor...

Ruth Roland

Recebe a todos os que chegam a Hollywood. Conhece todos os seus habitantes.

O verdadeiro nome de Suzy Vernon, é Amélie Paris. Nasceu em Nice, a 26 de Junho de 1901. Em 1921, venceu um concurso de belleza promovido pelo *Journal*, como *estrella* da Riviera e, de um jury composto por Abel Gance, Louis Nalpas e Max Linder, recebeu a importancia do premio que devia ser conferido á primeira collocada: — dez mil francos.

Pouco depois, casava-se ella com um ex-operador de Abel Gance, Henri Burel e, sob a direcção do seu proprio marido, que naquella epoca já havia deixado de ser operador, figurou num curto Film parodico feito em Fontainebleau: — *La Conquête des Gaules*, de um argumento de Marcel Yonnet e Jan Dyl.

No anno seguinte, 1923, Jacques Feyder deu-lhe um pequeno papel em *Visages d'enfants*, que elle ia fazer na Suissa.

Depois, como Henri Burel partisse para Vienna, contractado como operador, para a Vita, acceitou ella um novo papel num outro Film de Jacques Feyder, *L'image*, onde tinha um pequeno papel de modelo de pintor, juntamente com Louis Lerch figurando ella.

Pouco depois, Tayer, um outro director, punha-a num papel já maior, em *Vengeance du Pharaon*. E, assim, terminava ella o seu contracto com a Vita, onde estivera ao lado do marido.

De volta á França, em 1925, Suzy Vernon figurou successivamente em *Barocco*, sob a direcção de Charles Bourguet; *Nitchevo*, dirigida por Baroncelli; e, depois, tomou o papel de Dolly Davis, que adoecera, em *Boy*, um Film que Benito Perojo ia fazer. Logo depois, Georges Lannes contractou-a para um papel importante no Film em serie *L'orphelin du Cirque*, ao lado de Tramel.

Em 1925, ainda, Suzy Vernon foi contractada por Louis Nalpas para figurar em *Le Roman d'une Jeune Homme Pauvre*, sob a direcção de Gaston Ravel. As scenas externas foram tiradas na França e as internas na Allemanha.

Estando a figurar ao lado de Wladimir Gaidaroff, nesse Film, na Uta, Suzy Vernon foi apreciada pelo director dessa empresa, Davidson Brentot que logo lhe perguntou se tinha algum contracto effectivo em França. Respondendo ella que não, immediatamente foi contractada pelo mesmo e figurou, logo a seguir, em *A ultima valsa*, ao lado de Willy Eritsch; *Culpados* e *Em missão secreta*, com Michael Bohnen e *Ladrão de Casaca*, com Nils Asther.

Depois disso, ainda na Allemanha entre 1926 e 1928, Suzy Vernon figurou em varios outros Films, entre os quaes, *O Presidente*, com Ivan Mosjoukine; *Precisa-se de uma Dansarina*, com Hans Stüwe; *O Dasarino*, com Willy Fritsch.

— Foi durante esse tempo. Disse-nos Suzy Vernon. — Que eu constatei a organização que ha naquelle departamento Cinematographico do Rheno. Tudo ali é dosado, medido e contado. Nada escapa. Se eu tivesse continuado no Cinema francez, não teria progredido. Felizmente para mim fui á Allemanha e lá trabalhei. Fiz-me lá e lá consegui meus maiores triumphos Cinematographicos. O Cinema allemão é perfeito, na sua parte technica, principalmente.

Em 1928, apesar de tudo, a Stédes Cineromans convidou-a para voltar a Paris afim de fazer *Paris-Girls*, uma das melhores producções até hoje feitas por Henry Roussell. Logo depois, figurou ella em *La Vierge Folle*, da peça de Bataille, com Emmy Lynn e Jean Angelo.

Em seguida voltou a Berlin, em 1929 e figurou successivamente em *O Jogador de Dominós de Montmartre*, com Maurice de Féraudy e, depois, em *Monoculo Verde*, com Gaston Modot e Livio Pavanelli.

Foi por ahi que o Film falado fez a sua entrada tambem triumphal na Europa. A Donatien, de Paris, contractou immediatamente Suzy Vernon e ella veiu, logo, para figurar no seu primeiro Film falado, *Pogrom*. Este Film jamais foi editado. Houve um incendio no Studio e o negativo foi todo inutilizado. Affirmam uns que criminosamente e outros que não.

Em fins de 1930, casando-se ella com Ralph Leon, depois de divorciada, ha tempos, de Henri Burel, partiu, contractada, para Hollywood em companhia de Jeanne Hebbling, Vital, Mandaille e Rolla Norman. Foram directamente aos Studios First National, para os quaes iam contractados e figuraram nas versões francezas de *Um homem máo*, *Paixão de todos* e *Contre Enquete*, um original feito pela turma estrangeira. Tendo trabalhado na Allemanha e em Hollywood, Suzy Vernon pode fazer a comparação entre ambas as organizações...

— Tres dias após a nossa chegada, estavamos já num palco para entrarmos em Filmagens. Depois que as começamos, nem siquer um minuto de descanço tivemos. Os americanos têm um rythmo de trabalho muito diverso do nosso. A organização incomparavel que têm permitte-lhes isso. Já é lei o methodo, a ordem e a disciplina dos Studios americanos. Eu as confirmo. São um facto. O que se nota absolutamente, nelles, é uma *atmosphera de trabalho* impressionante! Não se vê um desoccupado, um encostado. Se um artista, um *extra* ou um technico atrazam uma determinada scena ou, por culpa delles, uma sequencia não pode ser concluida naquelle dia, tomam multas severas e soffrem até demissões, por esses motivos. Ha, no Studio americano, uma especie de secretario que não deixa escapar um só detalhe. Escreve o minimo acontecimento do Studio. E'-se espiada e não se pode a gente queixar: — a regra é geral. O trabalho desse secretario é contar até o lapis ou o *baton* que a gente deixa cahir e elle o faz com uma presteza phantastica...

Igualmente em Hollywood, Suzy Vernon foi a heroina de Ramon Novarro em *Seville des mis Amours*, versão franceza que elle fez do seu original: — *Call of the Flesh*. Ella teve palavras muito elogiosas para Novarro, o qual acha simplesmente admiravel.

Depois da sua recente volta á Europa, Suzy Vernon já tem figurado em Films para a Paramount, em Joinville. *Le Rebelle*, com Batchell e Bourdelle e *Un Homme en Habit*, com Fernand Gravey, por exemplo, são os dois ultimos.

Falando do Cinema europeu e do Cinema americano, disse ella, referindo-se ao caso:

— Não tenho e nem posso ter a pretenção de fazer juizos segurissimos a respeito do *porque* da instabilidade do Cinema francez. Mas sou obrigada a constatar, ainda que não queira, o prazer morbido que aqui ha de um destruir o que o outro faz. Isso anulla qualquer realização e desanima o espirito mais esforçado e dedicido. Ninguem pode saber qual é o esforço preciso para o artista francez se manter em evidencia. Mantem-se a sua custa.

— E' justamente o contrario que se vê em Hollywood. O interesse commum, comprehende-o o productor melhor do que ninguem. E' por isso que elle auxilia, paga bem, apoia incondicionalmente o seu artista. Fazem tudo

(Termina no fim do numero).

— E' cedo...

Retorquia ella. Temia destruir a felicidade daquellas horas poeticas que os dois passavam juntos e, temia, principalmente porque realmente amava o seu noivo. Estava no seu moderno espirito, entranhada, a theoria que ella defendia na pratica, depois de lhe ter decorado a these. Não pretendia ceder.

Mezes depois, no emtanto, cresceu e avolumou-se de tal forma o commentario em torno do "escandalo" Anne-Vincent-Dick Ives, que o proprio pae de Dick procurou Anne e com ella insistiu, severamente, para que se casasse com o filho. Tambem achava que aquillo não tinha proposito e não desejava, por essa forma, destruir a felicidade do filho. Depois de uma argumentação solida, venceu. Anne prometteu casar com Dick no praso por este fixado.

Na volta da viagem de nupcias, semanas depois, encontram, em casa, um cartão de Price Baines, um ex-namorado de Anne.

Mulher Sem...

(ILLICIT) — Film da Warner Bros.

BARBARA STANWYCK .... Anne
James Rennie .... Dick Ives
Ricardo Cortez .... Price Baines
Charles Butterworth .... Georgie
Natalie Moorhead .... Margie
Joan Blondell .... Dukie
Claude Gillingwater .... Mr. Ives Sr.
Director: — ARCHIE L. MAYO

— Anne, peço-te, não penses que isto assim pode continuar. Casa commigo! O pessoal já anda falando de ti e dos teus modos... Eu bem sei que nada ha, no mundo, que pague a liberdade. Eu não te offereço prisão ou algemas, querida. Offereço-te a vida matrimonial pacata, sensata e honesta. Porque não attendes ao que te digo?...

Repetiam-se diariamente os conselhos dessa ordem. Mas eram quasi inuteis. Anne Vincent amava antes de mais nada a sua liberdade. Os direitos dos homens, pleiteava-os para as mulheres e era por isso que hesitava antes de dar uma cathegorica resposta ao seu noivo Dick Ives, ao qual muito amava, era certo, mas ao qual não se queria prender só com esse argumento.

Proseguiu, por varios mezes, o plano de Anne Vincent em execução. Dick almoçava com ella. Passava longas horas da noite ao seu lado. Anne tinha o bom gosto de diariamente lhe perguntar pelo "menu" preferido para o dia seguinte e preparava-o com um carinho e uma meiguice que ainda mais davam a Dick a certeza de que ella o iria fazer immensamente feliz.

— Casemo-nos!

Tornava elle a insistir.

— Porque casaste?... Porque? Não merecia eu uma espera? Bem sabias o quanto eu te amava...

Este cartão origina o primeiro arrufo e... a primeira reconciliação, tambem... E depois desse "caso do cartão", commentado no dia seguinte e no outro tambem, Price Baines foi radicalmente esquecido e, felizes, Dick e Anne atiraram-se á voragem dos divertimentos: — "garden-parties", bailes, recepções a todo instante. Uma folia em cima da outra, em summa.

Numa dessas festas, Dick conheceu Margie. Mulher de cabellos muito louros e olhares muito meigos... Em dois olhares Dick estava fascinado. Além disso, tudo fazia por agradal-o e apesar da presença de Anne, não se detem. Põe em pratica todos os recursos de mulher-seducção e Dick não consegue resistir ao seu perfume, ao seu veneno, á sua irresistivel attracção physica.

Dias depois, Anne percebe um beijo ardente e apaixonado que ambos trocam, quasi em publico. Quer gritar, quer chegar ao lado daquella mulher e esbofeteal-a publicamente.

Mas para que?...

Contém-se. Pensa melhor e occulta a primeira chaga que assim se abre em seu coração.

Cala-se, orgulhosamente...

Nos dias que se seguiram, a paixão de Dick por Margie não conheceu mais limites. mento da vida e das responsabilidades aos braços daquella Atirou-se elle com esquecimulher e já mal disfarçava os momentos que fugia da esposa para passar ao lado da amante. Para Anne aquillo ia se tornando insupportavel. Se ella fosse uma esposa antiquada, complacente e soffredora, calaria. Mas dentro della berravam as suas theorias modernas. Por que se casára?... Para aquillo que se estava dando? Se tivessem continuado da maneira antiga tal não se teria dado... E naquella noite, quando Dick regressa e ainda traz, nos labios, o calor dos beijos de

Margie, Anne enfrenta-o. — Vamos voltar á vida antiga, Dick!

E antes que elle tenha uma reacção, ella, rapida, expõe tudo quanto sabe. Cartas na mesa. Pede pouco em

ALGEMAS

troça da trahição do esposo. Voltarão á vida antiga. Só assim lhes será possivel recomeçar, talvez, uma felicidade que uma loira estragara...

E fazem o que se promettem, naquelle momento.

Voltam á vida antiga.

Dick volta a namoral-a, a beijal-a ás escondidas, a furtar as gulodices que ella tão bem sabe fazer...

Mas a Anne já não resta o encanto antigo daquella situação. Ha, no seu coração, uma duvida sempre de pé.

Quando elle a deixasse, iria para os braços de Margie... Soffria profundamente com aquillo, principalmente pela pouca coragem que tinha para tirar do marido uma desforra que o humilhasse se ir. Mas logo depois delle, tambem sae Dick Anrar seus planos... Faz-lhe a primeira visita, desde os tempos em que tinham sido namorados. Anne recebe-o festivamente. Elle caçõa della por se ter deixado algemar e ella ratruca que sim, mas que já tinha partido as algemas, de novo...

Sentados lado a lado, não notam Dick que entra sem fazer ruido. Quando o notam, Price acha que é tempo de de se ir. Mas logo depois dele, tambem sae Dick

tes, atira á esposa a phrase com a qual pretende amedrontal-a. — Ou voltas para minha companhia, como antes, ou deixo-te para sempre!

Pelas semanas seguintes, Anne resiste á tentação de telephonar ao marido. Tudo quanto tocasse no seu orgulho percebia logo uma resistencia feroz... Ella não cedia. Jamais dobraria a cerviz a homem algum... E quanto mais vontade tem de falar ao marido, do qual já sente profundas saudades, tanto mais pensa em tudo que passou e não

(Termina no fim do numero)

DOLORES DEL RIO
EM
"THE DOVE"
DA R.K.O.

DOLORES
E
LEO
CARRILLO

LEO,
NORMAN
E
DOLORES

Os "extras" diante do escriptorio de elencos da Universal.

A legião dos desconhecidos que pullulam pelos studio á procura de trabalho incerto, cuja recompensa efficaz é a vida amargurada e as atribulações que elles supportam.

A maioria dos extras, são os que constituem o aluvião dos desilludidos de gloria. São os miseraveis que, passando fome, não perdem a ambição de ser artista.

Vivem. Vivem. Como?

O maior mysterio de Hollywood, inegavelmente está encerrado na vida dos extras.

Levando dias sobre dias, semanas após semanas, mezes sem fim, apegados ao telephone á espera do benefico chamado, para um dia de trabalho.

Os dias passam. As semanas se succedem, e o maldito telephone não trouxe a vóz que suavisaria alguns dias de attribulações.

O soffrimento dos extras vae além da imaginação humana. O mundo exterior, os fanaticos do Cinema, conhecem, porém não admittem essa verdade.

Mas... são verdades que se repetem constantemente.

Uma por minuto...

Talvez mais por minuto...

Naquella turba de extras profissionaes, que trabalham para ganhar a vida, completamente destituidos de senso artistico. Talentos escassos, e espiritos deluidos pelas promessas jamais cumpridas.

Demais, um extra registrado no "Central Casting Bureau", é como soldado de pret. Para elle não ha possibilidade alguma, nem successo premeditado.

Sua vida é como a roda do carro, numa estrada lamacenta, passando sempre pelo mesmo logar.

Aprofundando mais e mais, o vinco produzido.

Elle torna-se uma entidade standardizada. Estygmatisada. Cuja pretenção, deve permanecer sempre a mesma — ser extra.

Os extras

(Do livro "HollyÕood", de L. S. Marinho).

Durante minha estadia em Hollywood, tive opportunidade de receber centenas de cartas do Brasil, enviadas por amigos extranhos a mim.

Todos solicitavam meu auxilio para informes sobre as estrellas; outros sobre a vida de Hollywood; ainda outros pedindo photographias dos artistas por meu intermedio, porém, a maioria, seus signatarios queriam ser artistas de Cinema ou extras.

Geralmente essas cartas não eram respondidas. Não teria senso, principalmente as ultimas ennumeradas. Tambem, lutava com falta de tempo, para attender meus affazeres. Desculpem-me os que me escrevaram. Os que assim fizeram, e não obtiveram respostas, lendo este livro, encontrarão indirectamente a resposta que devo.

Demais, no que se referia á ida de muitos candidatos, á terra do Cinema, sómente poderia dar conselhos. Aliás, sabia perfeitamente que meus conselhos não encontrariam echo.

Quando uma pessoa está obsecada por qualquer cousa, e principalmente ir a Hollywood, tentar o Cinema, não ha palavras que o remova de seu proposito. Para elle tudo é exaggero. E' impossivel. Absurdo.

Não ha como convencel-o.

Elle vae... e soffre.

Vivendo em Hollywood, eu sabia perfeitamente da abundancia de concorrentes. Tudo ali existe em demazia. Homens, mulheres, velhos, creanças, descrepitos, vagabundos e famintos.

Hollywood não precisa de talento algum. E... quando necessita especialmente, vae buscal-o em sua casa. Se elle la estivesse, tentando o Cinema, possivelmente estaria passando miseria.

Humildemente gostaria de dar uma suggestão aos amigos, admiradores do Cinema americano, como pretendentes a artistas.

O almoço dos extras é distribuido caixinhas de papelão...

Todo aquelle que ambiciona ir á Hollywood, lutar com o impossivel, deve permanecer no Brasil, e propugnar ardentemente pelo progresso de nossa industria cinematographica.

O Cinema no Brasil, deve interessar a todos.

Não é méra questão de patriotismo. E' uma questão de entendimento. Intelligencia. Superioridade.

Esqueçamos o amor pelo Cinema americano, porque elle não nos dedica uma simples parcella de amizade.

Nem para effeitos de lucros...

Não se lembra que somos um povo... que existimos...

Sinão erroneamente...

Esqueçamos Hollywood.

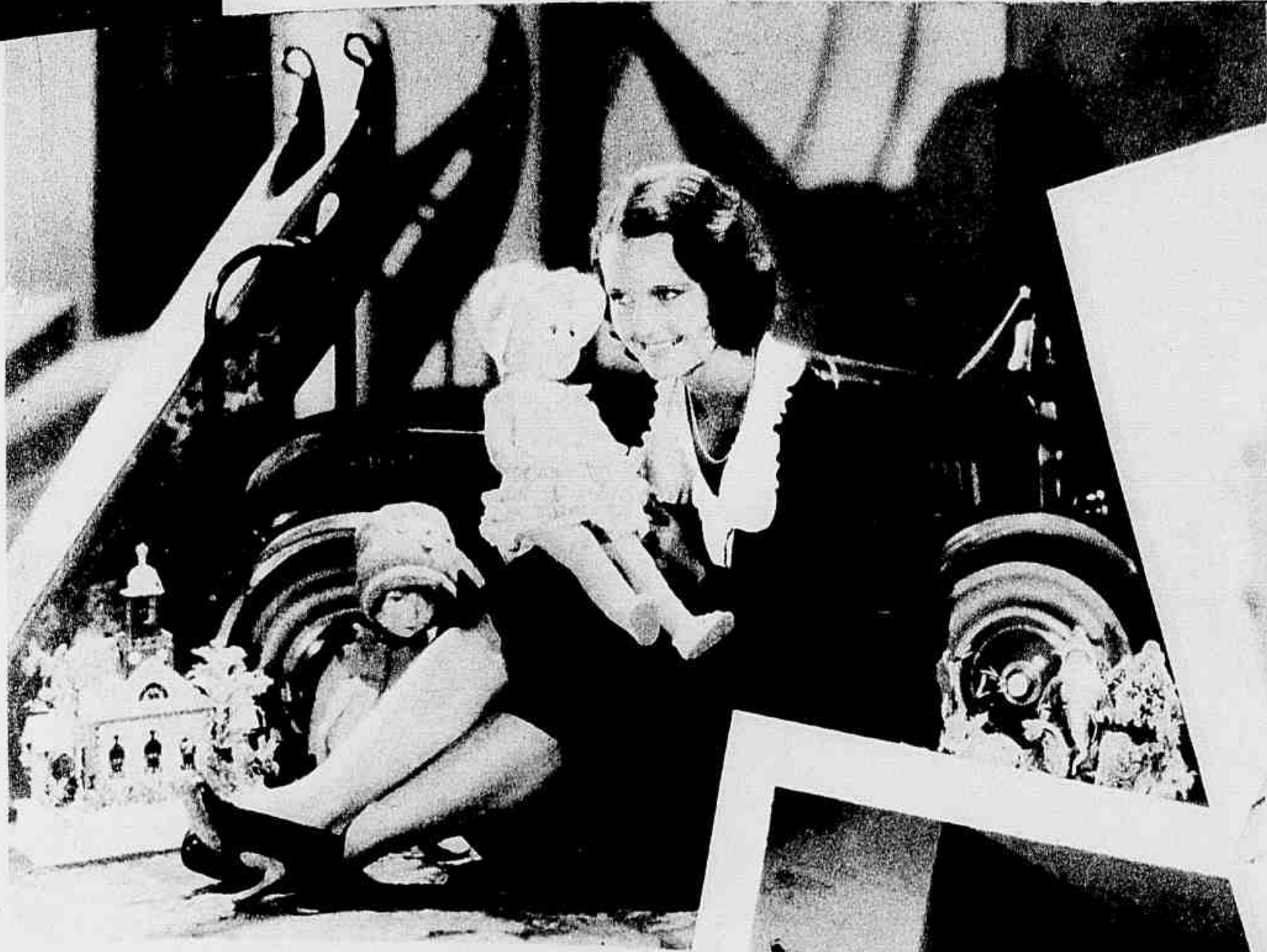
Tão longe como está, tão ambicionado como é, não possue cousa alguma para offerecer ao estrangeiro que vae á procura de aventura...

Num recente concurso de Cinema havido em Cleveland, Estados Unidos, o vencedor masculino foi Clark Gable. Rapidamente tem elle ascendido á fama...

* * *

Para interpretar o primeiro papel de **City Sentinel**, da M .G. M., foi contractado Walter Huston. Trata-se de um original de W. R. Burnett, cujo primeiro papel será confiado ao melhor Lincoln que o Cinema americano já apresentou.

* * *

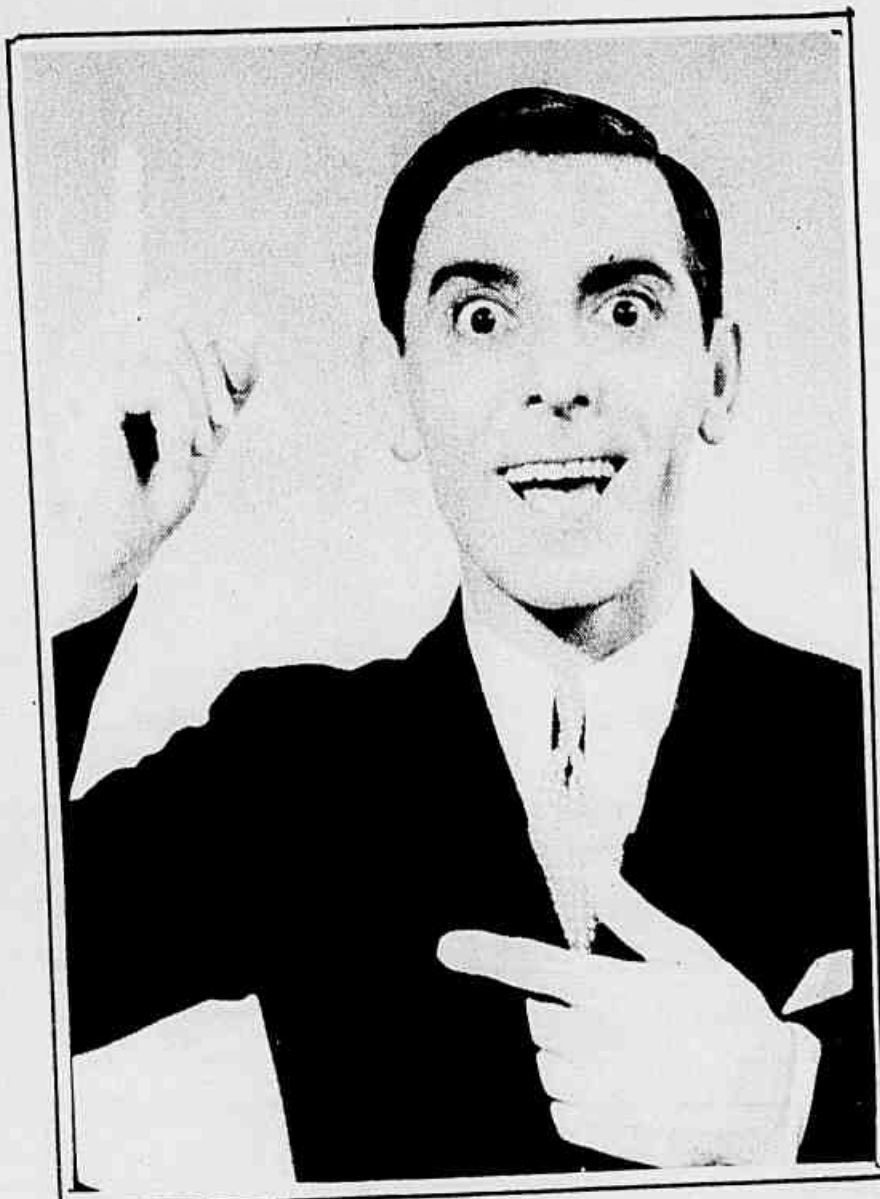
Mabel Julienne Scott, Dennis King (que appareceu em **O Rei Vagabundo** e... o gato comeu...), Charles Kenyon e o celebre escriptor Terry Ramsaye, autor da melhor historia sobre o Cinema americano, fazem annos a 2 de Novembro.

Rochelle Hudson.
E lá no canto,
Madge Evans.

Feliz Natal!

Ellen
Mac
Carthy

Ellen
Mac Carthy, outra vez.

Una Munson

Eddie Cantor fala da crise...

Varios importantes jornaes e revistas outro tanto, já me pediram, encarecidamente, que dê minha abalisada opinião sobre a crise. Naturalmente já ouviram falar nessa senhora, não é?... A simples pronunciação dessa palavrinha atôa faz muito capitalista suar frio, eu sei, mas o que hei de fazer, pediram-me que escrevesse alguma cousa sobre a crise e... aqui estou!

Em **Palmy Days**, o meu ultimo Film, irão ver, pela primeira vez, nas suas carreiras de **fans**, um grupo enorme de pequenas todas lindas e, tambem pela primeira vez, devidamente bem photographadas. Mas não é uma e nem duas. Duzias dellas! Os chronistas do Paiz todo já vibraram por causa dessas pequenas e muitos delles, com o habito do theatro, chegaram a querer mandar bilhetes e **corbeilles** aos camarins do... Cinema.... Pois essas pequenas que apparecem no meu Film **Palmy Days**, foram escolhidas a dedo, com cuidado meticuloso, como se fossem ser **estrellas** de outros Films menos importantes, é logico... Ellas foram escolhidas a dedo e... isto é, não maliciem esta historia de dedos! E' força de expressão...

Pessoalmente falando e com toda modestia, sinceramente não estive nunca tão engraçado, em toda minha carreira, quanto nesse Film. Elle tem dois numeros de dansa. Aventuro dizer, com absoluta segurança, aliás, que poderão ser imitados, mas igualados, nunca! A historia talvez não resista á uma analyse, talvez, mas se você, meu amigo, ri e applaude, satisfeito, uma hora e meia um Film, francamente, poderão depois disso pensar na historia? Pois é o que lhes garanto: — **Palmy Days** é um formidavel Film. Eu sou seu **astro**...

Bem, voltemos á crise, assumpto deste artigo. Se ouvem, aos domingos, o meu programma de radio para Chase & Sanborn, na hora que esses industriaes mantém para mim a custa de um dinheirão que eu sem duvida alguma valho, naturalmente admiram-se porque é que eu ainda continuo nessa brincadeira de radio, não é? Pois Jimmy Wellington, ha dias, perguntou-me, deante do microphone, o que eu pensava da crise. Fiquei indeciso. Elle respondeu que era uma mentira, que a crise não existia. Então eu lhe disse que se isto que se está passando pelo mundo todo, não é crise, que é, no minimo, a maior fartura que já cobriu a terra... E houve gente que gostasse disso...

Depois de cada irradiação, eu era sempre muito felicitado e todos garantiam que eu é que jamais soffri crise de humor...

No livro **Yoo Hoo Prosperity**, por exemplo, — sim, livro que eu escrevi, é logico — livro esse que se está vendendo a um dollar o exemplar e sem abatimento para judeus, eu explico melhor o que penso da crise e do plano quinquenal necessario para combatel-a. Se o senhores não compraram o livro, fazem-me suppôr que sejam uns araras. Mas se compraram, tenho disso a certeza...

Um dos meus processos explicados no livro, para combater o tremendo problema dos desempregados, é o processo de **systema-duplo**. Não sabem o que? Meu Deus, quanta ignorancia... Mas eu explico. Por xemplo. O **baseball** joga-se com nove homens de cada lado, não é assim? Pois ahi temos principio... Podem os **teams** contractar o dobro delles para cada **team**, assim, o jogo passa a ser jogado por dezoito. E porque não dezoito homens num **team**? O **foott-ball**, tambem. Em vez de onze jogadores, poderá ser jogado com vinte e dois. Os **rings** de **box** podem ter luctas de quatro em quatro pugilistas e com dois ou tres juizes, ao mesmo tempo. Nas corridas, o mesmo: — porque um simples **jockey** num cavallo immenso? Pois ponham dois ou tres **jokeys**. Conforme o tamanho do cavallo, é logico. E' uma idéa avançada e ousada, não ha duvida, mas dá uma sahida sem duvidas possiveis, aos desempregados.

Quanto ao problema da crise poderei dizer que eu, por exemplo, antes de deixar New York assignei novo contracto com Samuel Goldwyn. Farei um Film por anno nos proximos cincos annos. Porque um? Ora essa... Porque eu e elle pensamos. Isto é: — eu pensei e elle concordou. Que é melhor fazer um, bom, como é tudo quanto eu faço, do que fazer tres que não sejam do meu nivel... Que tal?

Estarei, de Outubro a Dezembro, em New York, fazendo apparições pessoaes em varios theatros dos mais importantes da Cidade. Se fôr a New York, é até dever ver-me representar, pessoalmente. Falando ainda em crise.

Eu tenho, em Great Neck, Long Island, uma casa que estou procurando vender. Escrevam-me se lhes interessar. (A crise é um facto: — resolvo approveitar este artigo para fazer meu annuncio)...

A sciencia de escrever um bom artigo, é fazel-o bem claro e explicar para os que o lêem. Se acharem que o meu é claro e explicito, um de nós está louco...

Não ganhei nada para escrever isto. Mas desforrei em publicidade minha, se bem que eu não precise de publicidade....

Victor Seastrom, conhecido director e Paul Muni, recentementte um successo em **Scarface**, da United Artists, fazem annos a 21 de Setembro.

* * *

A 26 de Setembro, Antonio Moreno fez annos e a 27, Edmund Burns e Wally Van.

AS GRANDES DIFFICULDADES SÃO PASSAGEIRAS. CRISE E' BOATO...

Sorria cavalheiro...

BOA VONTADE... ...DE COMER.

GASTE, GASTE, QUE O DINHEIRO VOLTARA' AO SEU BOLSO...

Lois Wilson, cujas amigas são Ruth e Gloria

MINHAS AMIGAS

Lois Wilson é intima amiga de Gloria Swanson e tambem o é de Ruth Chatterton. Ninguem melhor, portanto, para falar de ambas e nos contar, dellas, coisas interessantes... Eis o que nos diz Lois a respeito dellas:

— Ruth Chatterton é a "double" mais perfeita que Gloria Swanson jamais poderia ter. Não me digam que isso é pilheria. Se eu lhes disser, então, que acho Lillian Gish bastante parecida com Greta Garbo?... E' logico que nestas "semelhanças" eu ponho um pouco de exaggero e comparando Lillian Gish a Greta Garbo eu sei que estou "irritando" um pouco os admiradores de Greta Garbo. Mas, de toda forma, o meu pensamento é mais ou menos esse...

— De lado as suas differenças physicas, Ruth Chatterton tem momentos em que se parece extremamente com Gloria Swanson. Lembram-se de *Paramount em Grande Gala*? Pois havia uma sequencia em que Ruth Chatterton entrava (aqui para o Brasil, supprimida) e na qual notava-se bastante essa parecencia que eu acho notavel. Além disso, na intimidade, ellas muito se parecem, tambem e a ambas o destino já deu boas lições... Os primeiros dias da fama de Gloria, quasi perdidos foram pela publicidade errada que della fizeram, dando-a como uma ingenua soffredora. Mas depois que isso passou e ella conseguiu assentar pé firme na industria jamais soffreu mais disso. Particularmente falando, ambas têm esplendidas educações e são cultas. Intellectualmente falando, são iguaes, é o meu testemunho imparcial.

— Ambas têm inimigos e isso é a cousa mais razoavel. Razoavel com pessoas de menos importancia e muito mais, portanto, em se tratando dellas. Pois esses mesmos inimigos, inimigos ás vezes crueis e maldosos, falaram de tudo, menos das intelligencias dellas, as quaes deixaram incolumes. Ambas têm uma reflexão rapidissima e são intellectualmente superiores. Qualquer mulher normal é-lhes varias vezes inferior em talento.

— A conversa de ambas é muito estimulante, agradavel. Isto justifica-se. Lêm muito e, assim, quando falam, gastam a erudição propria e, depois, os melhores trechos dos esplendidos livros que já leram. Ruth gosta de jornaes. Lê dois por dia. Gloria, talvez mais do que esse numero e talvez menos. E' mais occupada e depende, portanto, do seu tempo disponivel.

— Ellas não são criaturas amigas da pasmaceira. São sportivas, ambas. Gostam muito de "tennis" e já tenho jogado varias partidas com ambas. Não são eximias, mas não são das peores, tambem.

— Não creio que levem muito a sério o que vou dizer. Sinceramente e usando a maior expressão da verdade, no emtanto, eu vos digo que ellas sentem-se constrangidas na presença de extranhos e até acanhadas. A maneira calma, pensada e ás vezes maliciosas das suas attitudes, é uma cousa que ambas têm sobre si mesmas, como capa e como defesa. Não é o intimo dellas que está nesses movimentos e gestos.

Gloria é amiga de Lois ha mais tempo do que Ruth. Ellas se dão desde quando trabalharam muito tempo juntas, na Paramount.

Naquelles tempos em que Gloria era sempre para historias de "boudoirs" e Lois invariavelmente para papeis de ingenua. Dahi é que nasceu a amisade enraizada de ambas. Quando Ruth Chatterton veiu para Hollywood, Lois foi das primeiras criaturas que ella viu e com a qual conversou. Depois disso tornaram-se muito ami-

gas e não poucas têm sido as vezes que Lois tem passado dias e mais dias na casa de Ruth em Malibu Beach.

— Ha, em varios dos meus patricios, a absurda theoria de que Ruth Chatterton, porque veiu do theatro, é muito mais educada e muito mais culta do que Gloria que sempre foi de Cinema. Todos acham e pensam que o artista de theatro é tão lido e culto quanto o de Cinema é illetrado e ediota. Puro erro. A's vezes é até o contrario... Mas, no caso, equivalem-se; — Ruth Chatterton, intelligente figura do theatro e Gloria Swanson, das mais representativas "estrellas" do Cinema.

quizerem... Eu acho natural que os homens queiram

Ambas podem viver papeis de "ladies", quando mais bem a Gloria Swanson e Ruth Chatterton do que as mulheres. Isto está principalmente no facto dellas serem mulheres absolutamente para homens. Entendam-me! Ellas são attrahentes para os homens e nem sempre para as mulheres. Sentem-se ciumentas da vitalidade de ambas e dos encantos admiraveis das mesmas. Os homens, ao contrario, admiram-nas e nelles está a legião de sinceros admiradores que as têm elevado tanto na carreira que abraçaram.

Suas palavras param aqui. Foi apenas isto que ouvimos della. Particularmente, nada nos disse. Nem, tampouco, conseguimos saber se ella era mais para Gloria Swanson ou mais para Ruth Chatterton. A unica cousa que conseguimos descobrir, foi que ella é amiga enraizada de ambas e que com uma amizade assim qualquer pessoa se devia sentir profundamente envaidecida.

Lois Wilson acha Ruth Chatterton parecida com Gloria Swanson

RUTH E GLORIA

A Historia toda de Jean Harlow

(Continuação do numero passado)

Films. Não tinha mais duvida a esse respeito e resolveu lutar.

No dia seguinte escreveu ao avô a respeito da sua decisão. Pela volta do correio recebeu a noticia de que elle a desherdára. Ella já esperava isso e não se surprehendeu. Sua mãe tambem não podia mais contar com nenhuma ajuda do pae e, assim, Jean tinha, naquelle instante, que responder por ella, pela mãe e pelo padrasto.

Atirou-se ella ao trabalho com fé. Em pouco tempo conseguia occupações diarias de 25 e 30 dollars. Vendeu as joias, os carros e despediu os criados. Pagou com o dinheiro adquirido as dividas e ainda ficou com algum para montar uma casa mais modesta, tendo tambem vendido a sua.

Veiu a sua melhor opportunidade em "Uma pequena das minhas", ao lado de Clara Bow. Foi trabalhando nesse Film que ella conheceu James Hall. Este serviu de instrumento na sua apresentação a Howard Hughes para o principal papel feminino de *Anjos do Inferno*. Pelo seu trabalho em *Uma pequena das minhas*, Jean recebeu 100 dollars semanaes.

Trabalhava ella um dia no Metropolitan Studio, quando lá foram com ella ter James Hall e Ben Lyon. Eram elles os "veteranos" da versão silenciosa de *Anjos do Inferno* que já estava prompta.

— O que pensa disso? Nós temos que fazer aquillo tudo de novo, em fórma falada...

Greta Nissen, do elenco da versão silenciosa, tinha um accento demasiadamente norueguez e á ella era impossivel desempenhar o mesmo papel que tivera na versão silenciosa.

(Termina no fim do numero)

Lilian Harvey...

ESTA' VIRANDO A UFA E O MUNDO...

QUESTÕES TECHNICAS

I

A Camara para Amadores

A escolha de uma camara cinematographica depende necessariamente do genero de trabalho que vae ser feito com ella, tal e qual como se dá no caso de uma camara photographica. Dahi precisarmos de tratar do assumpto, tomando-o sob o ponto de vista estricto do Amador. Considerando-se essa camara para o Amador, ha varios pontos em que ella differe da camara profissional, tal como no tamanho ou dimensões, portabilidade, movimento empregado, e finalmente, a qualidade do Film usado. As dimensões uteis da pellicula variam muito para as diversas camaras empregadas, embora se trate geralmente de fita de celluloide, com perfurações regulares, feitas ao lado de cada um dos quadros. Outras empregam cintas mais largas, não perfuradas, discos, e outras fórmas de Film. Ao examinarmos as differentes camaras, precisamos começar pela que mais differe da camara profissional, e partir dahi para a camara cinematographica standard, aquella que emprega o Film de 35 millimetros em rolos de 200 ou 400 pés inglezes — approximadamente 300 ou 600 metros.

Primeiro, existe a camara cinematographica estrictamente para o Amador, e fabricada pela Vitalux Cinema Company. Esta camara emprega uma faixa de celluloide sem fim, a qual mede mais ou menos seis pollegadas de largura e dezoito de circumferencia. Este Film é girado em um tractor circular, com o auxilio de uma série de perfurações em ambos os lados. A' proporção que cada quadro é exposto, a lente cahe ou desvia-se uma pequena fracção de pollegada, de modo que, no fim de cada revolução da faixa de celluloide, o quadro exposto fica collocado immediatamente abaixo do precedente. O Film continúa dessa maneira, até que se encha com uma longa espiral de imagens. O quadro exposto de cada vez por esta camara é muito menor do que o quadro usual do Film standard, e a faixa permitte logar para 1664 quadros apenas. Photographadas á velocidade de quatorze por segundo, e projectadas da mesma maneira, segundo recommenda o fabricante, a faixa produz approximadamente dois minutos de projecção equivalente a cento e trinta pés — quarenta e quatro metros — de Film standard.

Essa camara é leve e compacta, mede 4½ X 8½ X 1! pollegadas, dimensões que permittem transportal-a facilmente. Os Films, carregados dentro de caixas não inflammaveis, são preparados em magazines individuaes, os quaes podem ser carregados á luz do dia, de modo que tantos Films quantos sejam precisos poderão ser expostos sem se tornar necessario o recurso de um quarto escuro. A camara é fornecida com uma lente cinematographica Goerz F 3,5 e photographicamente falando é tão efficiente como qualquer outro typo de camara profissional, a qual custaria muito mais.

A proposito, uma das maiores vantagens dessa camara é o baixo custo pelo qual fica todo o seu material. O serviço de revelação é feito pela companhia, a qual fornece igualmente reducções de Films apresentando artistas populares, scenas de interesse e mesmo de educação e cultura; em resumo, toda uma verdadeira Cinematheca de Films, os quaes são vendidos ao preço comparavel ao de um disco phonographico, cada um, ou pouco mais, quando se trata de producções especiaes.

A mais grave desvantagem dessa camara está em que os quadros superfluos não poderiam ser retirados, de modo que o Film tem que ser editado tal e qual como foi executado. Torna-se igualmente impossivel a viragem do Film em diversas côres, conforme o exigisse a respectiva secção, uma scena nocturna em azul, uma scena maritima em verde, uma scena pastoril em sépia; um processo que, embora exigindo muito cuidado, não fica absolutamente restricto ao profissional nem deixa de concorrer bastante para a belleza photographica do Film de Amadores.

Ultimamente, como aliás é de sobra sabido pelos Amadores, têm apparecido varias camaras porém, as quaes empregam todas um Film de dezeseis millimetros que foi produzido em principio para ser empregado na camara Cine-Kodak. Esse Film, poderiamos classifical-o de sub-standard. Trata-se, como se sabe, de um rolo de pellicula de 100 pés — trinta e tres metros — que, depois de ser exposto, é remettido para qualquer dos Laboratorios Eastman Kodak espalhados pelo mundo, onde é feita a sua revelação e inversão, do negativa para o positivo, o Film projectado passa a ser, em vez de uma copia, o proprio Film que foi exposto na camara. No emtanto, é possivel, como se vê, obter-se facilmente uma ou varias copias do Film já acabado, usando-se o positivo na copia obtida pelo mesmo processo de inversão. A bobina do projector comporta quatrocentos pés de pellicula — cento e trinta e tres metros — sendo que a projecção guarda o mesmo espaço de tempo de uma bobina de mil pés — trezentos e trinta e tres metros — do projector profissional.

Cinema de Amadores

A nova camara Movex-Kine, aberta e fechada.

(DE SERGIO BARRETTO FILHO)

O sub-standard Film póde ser cortado, collado, colorido, editado, os titulos podem ser insertados, emfim, tratado pelos mesmos processos do Film profissional. O châssis em que é carregado, não-inflammavel, póde ser collocado na camara á luz do dia, sem perigo de extravio. Muitos dos projectores são fabricados de modo que um unico quadro possa ser projectado immovel na tela, dando todas as vantagens da lanterna de projeção.

O fóco usual desse genero de camaras é de vinte e cinco millimetros. Todos os nossos Amadores devem saber que, quanto mais curto fôr o fóco de uma lente, maior será a profundidade de fóco a uma determinada abertura. Esta lente pois, com um fóco tão curto, tornou muito pratico o emprego do fóco fixo, com obtenção de detalhes muito sufficientes para uma projecção satisfatoria. O quadro mede, quando projectado na tela, mais ou menos trinta por quarenta pollegadas, ou seja uma ampliação de noventa e seis diametros. O Film standard, projectado na mesma proporção, dará uma imagem de oito pés, porém como as telas usualmente empregadas nos Cinemas medem nove por doze pés, ou mais, vê-se que o Film reduzido, feito com uma lente de maior profundidade de fóco, se acha subordinado a um grau menor de ampliação. Naturalmente que todas as vantagens são para o Film reduzido. Apenas o cinematographista profissional poderia preferir mesmo o Film standard. As novas camaras que empregam o sub-standard, ao contrario, devem produzir a mais viva satisfação, nas mãos mesmo do mais inexperiente dos Amadores.

A primeira camara que appareceu no mercado empregando o Film sub-standard foi a Cine-Kodak. Seria inutil descrevel-a; é um bellissimo apparelho, conhecidissimo hoje em todo o Brasil, e geralmente dotado de uma lente Kodak anastigmatica, F. 3,5 com 25 millimetros de distancia fócal. E' tambem dotado de um visor que indica ao operador, e muito accuradamente, o campo de visão a qualquer distancia. Na parte posterior existem tabellas que indicam os diaphragmas para a lente, em relação com as distancias.

Pouco depois de ter apparecido no mercado a Cine-Kodak, a Victor Ahimatograph Company annunciou a sua Camara Victor com um projector que a acompanhasse. E' muito semelhante á camara da Eastman Kodak, e por isso está fadada a ter muita popularidade entre os Amadores. Tal como a Cine-Kodak, a Victor emprega o Film de dezeseis millimetros, é igualmente automatica, trabalhando com o auxilio de um motor de corda, controlado por um botão de pressão, dispensando o tripé, e sendo carregados tambem com magazines que comportam, da mesma maneira, cem pés — trinta e tres metros — de Film virgem, equivalentes a duzentos e cincoenta pés de Film standard. E' geralmente acompanhada da mesma lente F. 3,5 e o visor é do typo semelhante.

A Camara Victor torna-se porém o ideal para o Amador e o grande enthusiasta, devido a alguns aperfeiçoamentos. Um contador especial, fornecido com a camara, é de grande valor porque economisa varios metros de abertura maxima de 220 graus, e é inalteravel. O obturador profissional é ajustavel, e trabalha a uma abertura que varia entre 170 e 180 graus. O obturador Victor, por consequencia, admitte maior quantidade de luz, em cada revolução. A exposição normal de 7 quadros por segundo pode ser duplicada, permittindo assim a filmagem extra-rapida de objectos em grande velocidade, como um automovel numa pista de corrida.

Uma terceira camara aproveitadora do mesmo Film é a Filmo, produzida pela Bell & Howell Company, a mesma companhia que produziu a maior quantidade de camaras profissionaes usadas até hoje para o Cinema Silencioso. Em resumo, o material empregado na construcção da Filmo é da mais alta qualidade, porém as caracteristicas da camara são quasi identicas ás da Victor e da Cine-Kodak, differindo apenas no visor, que é collocado no interior de um tubo, e permittindo seguir-se o objecto em ambos os planos, vertical ou horizontal.

A mais recente das camaras, lançada ha pouco tempo, é porém a Movex Kine Camara, construida pela Agfa, e portanto de origem allemã. Emprega igualmente pellicula de 16 millimetros, em rolos de 12 metros produzidos semelhantemente pela Agfa. E' um apparelho pequeno, bastante pratico e portatil, elegante, construido de metal e revestido de couro, com as dimensões de uma camara photographica 9x12.

Com elle não é possivel commetter-se qualquer engano. O manejo é muito simples. Levanta-se a tampa, colloca-se á luz do dia, no devido logar, um châssis hermetico carregado com a pellicula Agfa, dá-se corda ao apparelho, e utilizam-se os 12 metros de pellicula, seguindo-se o assumpto a ser filmado, com o auxilio de um visor. Um contador combinado com o motor de mola indica o numero de metros de Film impressionados, para que se saiba com exactidão quantos restam no châssis. As imagens offerecem uma nitidez admiravel, a qualquer distancia que não seja inferior a dois metros. As caracteristicas da lente são semelhantes ás da Cine-Kodak, sendo apenas a distancia de 20 millimetros e não 25. Pesa 1900 grammas e suas dimensões exactas são 12 x 14 x 6½ centimetros.

Faltaria falarmos sobre a Motocamera Pathé 9,5 a qual é a unica camara que emprega Film de dimensões ainda mais reduzidas, isto é, apenas 9,5 millimetros de largura. A Motocamera Pathé porém, sendo a mais espalhada por todo o Brasil, é tão conhecida entre os nossos Amadores que dispensariamos facilmente uma descripção detalhada dos seus principaes e mais caracteristicos pontos. E' a menor e mais portatil de todas; a sua primordial vantagem está exactamente nisto, deduzindo portanto o seu baixo custo, e sendo por isso a mais economica para o Amador que, no momento, não dispõe de maiores capitaes para a compra de uma camara como a Victor, evidentemente

(Termina no fim do numero).

Clive Brook e Tallulah Bankhead em "Casamento Singular"

SKIPPY — (Skippy) — Film da Paramount — Producção de 1931.

Skippy é um Film de crianças. Mas nós lhes garantimos que é differente. O seu assumpto é absolutamente ingenuo. Não ha thema amoroso. Não é um trabalho para ser exhibido em Cinemas frequentados por casaezinhos ardorosos que se inspiram nas scenas da tela. Nem, tampouco, para plateas que procuram sensações...

E' um Film para crianças, mas, principalmente, para paes de familias... Estes não o devem perder. O Film é profundamente educativo. Não no sentido cacete e aborrecido desta palavra "educativo", mas no sentido intimo que possamos transferir a esse termo: que educa um pae e que lhe mostra o quanto ás vezes comprehende mal um filho. Nós que escrevemos isto, somos pae. Quando o Flim expoz o thema, abrimos os olhos para sorvel-o. Quando o desmonstrou, não nos pejamos de ter ficado com os olhos razos d'gua. Ali ha muita verdade. E a verdade é exposta com suavidade, sem "hokum", sem vilanias e sem brutalidades. E' um Film technicamente perfeito. Mais do que isso: — technica e intellectualmente perfeito. Sim, porque ha Films perfeitos na technica, mas vasios de sentimento, sem intellectualidade, portanto. Mas este tem o seu cerebro e o seu director Norman Taurog soube conservar este cerebro sempre equilibrado, sempre dentro das linhas traçadas e defendidas.

Skippy é um garoto que tem um coração immenso. Dentro de uma villa pobre encontra o lar onde desejaria viver. Ao lado de meninos quasi maltrapilhos, os verdadeiros amigos. E' simples, é grande de sentimentos. Mas seus paes não o comprehendem. O pae é severo demais. Rispido. Sem carinhos. Prohibe o que não sabe se deve prohibir e consente naquillo que não interessa absolutamente ao filho que jamais procurou conhecer. A mãe é obediente ao marido, cegamente obediente. Para não o contrariar, nem siquer faz, pelo filho, o que lhe aconselha o sentimento materno. E quando o pae comprehende o filho, sente-lhe a alma, percebe aquelle coraçãozinho. E, comprehendendo-o, põe-no dentro do que gosta e no ideal, portanto, a felicidade volta. Para os protagonistas e para a platea que sentiu a alma de *Skippy* soffrer e soffreu com elle.

Esse é o Film.

Na interpretação, Jackie Cooper vae além de tudo quanto já vimos em materia de garotos representando em Films. E' simplesmente phantastico! De uma naturalidade desconcertante. De um sentimento incomparavel. De uma alma de artista que não occulta. A scena em que soffre por causa de Sooky e o pae procura consolal-o, vê-se que a fez sentindo todo Film. Nas preguiças das primeiras sequencias, contraste interessante com os carinhos delle pelos outros, principalmente por Sooky, depois. Nos momentos comicos do Film, mas comicos pela verdade e naturalidade de certas cousas que elle faz. E nos momentos dramaticos, como aquelle em que elle sabe que Sooky soffre, por causa da morte de Penny, o cãozinho que tanto estimava e tudo faz para o alegrar, dando-lhe, mesmo, todo coração para o ver sorrir. São momentos de um pathetico que fará chorar mesmo áquelle que não queira. Na sequencia seguinte, com o pae, tambem continua admiravel. E assim o é até ao final.

Robert Coogan, irmão de Jackie, não tem as qualidades que fizeram o irmão mundialmente celebre. Muito hesitante, ás vezes olhando para os lados do director e, nos dialogos longos, acanhado. E' sympathico e agradavel. Tem alguns momentos felizes. Mas não é nada que se compare ao irmão, quando tinha a sua idade e nem ao seu companheiro de trabalho que o supplanta. Aliás isto se dá, realmente: — Jackie Cooper distancia-se do elenco todo mais a tal ponto, que chega-se a esquecer de todos os outros, apenas para nos lembrarmos delle.

Mitzi Green e Jackie Searl pouco fazem. Enid Bennett, voltando, é a mãe de *Skippy*. Donald Haines, Helen Jerome Eddy e alguns outros adultos, inclusive Guy Oliver, apparecem.

David Burton collaborou na direcção e Sam Mintz, Joseph L. Mankiewicz e Norman Mc Leod scenarizaram o argumento de Percy Crosby, um caricaturista, nos desenhos do qual foram calcadas as personagens do Film e dos mesmos tirado o seu argumento.

Cotação: — MUITO BOM.

CAÇULA HEROICO — (Tol'abre David) — Film da Columbia — Producção de 1931 — (Programma Matarazzo).

Uma versão falada de Film já feito silencioso que, pela primira vez, se não é melhor, tambem nada fica devendo á primitiva. Tem o mesmo romantismo, a mesma poesia nas sequencias idyllicas e o mesmo *punch* no seu *climax*. Talvez a versão silenciosa, da qual, aliás, não nos lembrarmos muito bem, fosse mais dramatica, justamente por ser silenciosa. Mas a falada é igualmente admiravel e tem certos pontos até mais logicos e melhores. Na versão da First National, com Richard Barthelmess, quando o pae morria, elle, impetuoso, queria ir para a vingança. A mãe delle segurava-o. Elle insistia. Ella se agarrava a elle e elle se arrastava alguns metros na ansia de ir. Esta versão da Columbia não tem esta scena. Está mais eloquente e mais dramatico ainda Richard Cromwell querendo ir e Helen Warre, agarrada a elle, apenas cahindo em pranto sobre seus joelhos, cansada de tantas emoções violentas, profundamente desgraçada. E' mais dramatico e mais sincero, assim. Ernest Torrence, sim, foi incomparavelmente melhor do que Noah Beery, apesar deste tambem estar esplendido e a luta silenciosa era talvez mais impressionante ainda. Esta tem a vantagem do som e tambem está selvagem e photographada sem *trucs*, mostrando pancadas que arrepiam e selvagerias que condoem.

Caçula Heroico deve ser visto. E' um Film simples. Bonito, justamente pela sua simplicidade e pela eloquencia da ingenuidade daquelle rapazola que queria ser homem. Além disso, a direcção de John Blystone (o seu melhor trabalho, até hoje) é bastante pujante e o elenco é todo bom. Richard Cromwell, cujo primeiro grande trabalho é este, vae esplendidamente. E' um typo excellente, sympathico, agradavel e vencedor, em summa. Apesar de figurar ao lado de gente experimentada, conserva o Film para si. Em todas as sequencias elle brilha. Particularmente naquella em que tem o sobrinho ao cóllo e chega Joan Peers e nas finaes. Noah Beery, em seguida, tambem empolga com a sua villania ás vezes um pouco exaggerada e, noutras, sincera e por isso mesmo repellente. Joan Peers, feinha, sim, mas dentro do seu papel. Tão bem quanto Gladys Hulette. Helen Ware, Edmund Breese, James Bradbury Sr., Henry B. Walthall, Harlan Knight e Peter Richmond, esplendidos. Tom Keene (antigamente George Duryea) e Barbara Bedford, bons, igualmente. A scena da pedrada em Tom Keene era melhor na versão silenciosa. Ernest Torrence tinha mais cara de cynico e era muito mais humanamente canalha do que Noah Beery.

Não podemos afiançar que Richard Cromwell esteja melhor do que Richard Barthelmess no papel de David. Tão bem, está. Melhor, não cremos. Richard Barthelmess tambem era admiravel, nelle.

Do argumento de Joseph Hergesheimar, com continuidade de Benjamin Glazer.

Cotação: — MUITO BOM.

FORA DO SERIO — (Stepping Out) — Film da M.G.M. — Producção de 1931.

Uma farça da lavra de Elmer Harris, um dos homens que melhores scenarios já escreveu para o Cinema. Situações muito engraçadas; dialogos cheios de espirito de verdade, para quem entender inglez; elenco sem *estrella* ou *astro*, mas cheio de bons artistas (Reginald Denny, Leila Hyams, Charlotte Greenwood, Cliff Edwards, Lillian Bond, Merna Kennedy e Harry Stubbs); direcção adequada de Charles F. Riesner e todas as emoções que fazem o agrado do mais simples Film de linha americano: — gente bem vestida, ambientes luxuosos, bonitos vestidos, gente photogenica, luxo, joias, uma situação principal bastante interessante e nem o final feliz faltando...

A historia gira em torno de dois maridos que querem andar "fora do serio" e, imprevidentemente, cahem nas mãos lindissimas de duas "mordedoras": — Lillian Bond e Merna Kennedy ficando igualmente "irremediavelmente" presos ás esposas que entram na posse de todos os haveres de ambos. Como voltam ás boas e livram-se dos azares é que é a comedia...

Vale a pena assistir. Charlotte Greenwood vale o Film. Tudo o que ella faz é espontaneamente engraçado. Em seguida, Reginald Denny, Harry Stubbs e Cliff Edwards. Este sem grande opportunidade e apenas em duas ou tres sequencias bem boas). Aquella da "farra" no "bongalow", por exemplo...) Leila Hyams, loira e linda como sempre, soffre a concurrencia breve mas eloquente de Lillian Bond, morena e perturbadora e Merna Kennedy. Esta pequena mudou tanto... Está até allucinante, neste Film... O que seria ? Mas, de toda forma, Leila Hyams brilha e agrada. E' tão bonita, tão sympathica.

Charles F. Riesner dirigiu a contento. Vejam, que tem hora e tanto de boa diversão.

Cotação: — BOM.

SEDUCÇÃO DE MULHER — (Lasca of the Rio Grande) — Film da Universal — Producção de 1931.

Ha muitos annos, dirigida por Norman Dawn, vimos Edith Roberts neste papel de Lasca que hoje vive e nos dá aos olhos Dorothy Burgess. O assumpto do Film é tirado do poema de Frank Desprez e, como todo Film tirado de poema, perde no transporte para a

tela, porque, apesar de tudo, não é possivel transportar tão perfeitamente para a tela as imagens de um poema. Já vimos o mesmo com *Evangeline*.

Este, além disso, tem uma direcção commum demais e na pessoa de Edward Laemmle o scenario de Tom Reed não encontrou mais do que um realizador muito vulgar. Dessa forma, falhou.

Dorothy Burgess é uma pequena interessante e aproveitavel. Tem lindos olhos, corpo bem feito, representa bem. Melhor aproveitada daria um typo de primeira ordem. Leo Carillo é um villão mais ou menos *a la* Cisco Kid Warner Baxter. Isto é: — faz villanias com sympathia e bom gosto... Mas é outro typo que a direcção tornou convencional.

John Mack Brown vae bem. Está dentro do papel e, sympathico como é, melhor ainda conquista as sympathias do publico. Slim Summerville apparece e tambem Frank Campeau. O final é infeliz. O "estouro" está regularmente convincente. Ha bonitos idyllios, ás vezes.

Randall Faye escreveu a continuidade.

Cotação: — BOM.

CASAMENTO SINGULAR (Tarnished Lady) — Film da Paramount. — Producção de 1931.

O principal defeito deste Film é ter sido feito em New York. Sente-se que não tem o "toque" sagrado de Hollywood e, com isso, perde elle, de inicio, 30% dos seus meritos.

Não que só pelo facto de ser feito em New York já desmereça qualquer Film. Absolutamente. Em New York, no Alaska ou no Sahara podem-se ainda fazer os melhores Films do mundo. Hollywood não tem a primazia e nem direitos registrados. Mas o que Hollywood tem e os outros, não. (Justamente o que irrita os que acham o Film americano futil e sem arte, por não poderem achar que é um Film mal feito...) O que Hollywood tem e "registrado", é o feitio espontaneamente agradavel. "standard", mesmo, da sua producção geral. Do elenco ao "unit". Tudo é normal, é proprio, é especial e agradavel. Phoebe Foster, Alexander Kirkland, Osgood Perkins (este é o melhor delles, apesar de não estar bem dentro do papel) e Elizabeth Patterson. Esses nomes não têm bilheteria. Ninguem os conhece. E' verdade que os mais celebres tambem foram illustres desconhecidos. Mas Hollywood lança nomes desconhecidos, tambem... Sim! Mas Marian Marsh, Lillian Bond, Jean Harlow... E é preciso mais do que um Film para fazer uma pequena dessas? Phoebe Foster, ao contrario, pode figurar em centenas delles. Jamais ha de passar de figurante. Alexander Kirkland é desagradavel. Além disso, o Film tem um director que, vindo do theatro, ainda não apanhou a movimentação agil e photogenica do verdadeiro Cinema: — George Cukor.

Appoiando-se em Tallulah Bankhead, uma pequena que não é nova no Cinema (já figurou em Films da Universal, ha varios annos) mas que é nova para os "fans" de hoje. O seu galã é Clive Brook e é, portanto, sobre este que o "fan" atira a sua attenção. (Elle é o unico conhecido...) Mas Tallulah, na verdade, vencerá. Não lhe falta personalidade, nem belleza e nem physico. Tem um rosto bonito, dramatico, eloquente. O seu "it", são os olhos... O seu physico é bem talhado e fascinante. Agrada plenamente. Se tivesse um tratamento mais Cinematographico esta bonita e humana historia de Donald Ogden Stewart, e, principalmente, se o Film tivesse sido feito em Hollywood, Tallulah teria tido uma estréa definitiva e, hoje, já estaria hombro a hombro com as outras "estrellas" da Paramount.

De toda forma, vejam o Film. E' a historia de uma mulher que não podia passar sem luxo. Casa-se pelo dinheiro de um homem, amando outro. Averigua que o "outro", afinal, não passa de um refinado patife... Volta a sua attenção para o marido que abandonou. Encontra-o sem fortuna, sem fé no futuro... Ama-o. Reconquista-o. Repisado de trechos bonitos, o Film perde pelo scenario que não é perfeito e pela direcção que mais cuida da dialogação para que seja perfeita, pouco se importando que seja longa. Mas Tallulah e Clive Brook merecem ser vistos. Ha uma sequencia, numa praia, que recommenda Larry Willams como operador.

Cotação: — BOM.

CORAGEM DE AMAR (The Virtuous Sin) — Film da Paramount — Producção de 1931.

Coragem de amar vem atrazado... O que houve com elle foi apenas isto: — o Film era originalmente fraco e, a peoral o, a versão *dubbing* apresentada por H. de Almeida Filho... Eis a razão simples.

Coragem de amar, antes de mais nada, considerando-o como Film e esquecendo para o final o processo *dubbing* e mais este trabalho que elle anniquila, é fraco. Walter Huston está fora do seu genero. Louis J. Gasnier e George Cukor dirigiram com muito convencionalismo a historia de si já convencional e arrastada que Lajos Zilahy escreveu e Martin Brown e Louise Long adaptaram. Kay Francis é o unico motivo pelo qual não se deverá perder... Que assombro ella está! Linda, fascinante, estupenda. Mas tambem, é só ella... Kenneth Mac Kenna (marido de Kay na vida real, tem um papel que representa com o maior exaggero possivel, chegando ao cumulo "theatral" de apparecer com uma barba crescida "pintada" no rosto... Jobyna Howland, Paul Cavanagh, Oscar Apfel. Youcca Troubetzkoy e Victor Potel apparecem. Walter Huston está longe de ser o que foi em *Abrahão Lincoln*. Se bem que represente bem e não comprometta o papel, nada faz que o recommende. Apenas Kay Francis é esplendida e por ella devem os seus *fans* assistir.

O processo *dubbing*, mais uma vez, prova ser fracasso. Deteriora as devidas expressões dos artistas. Está inintelligivel quasi todo e a voz de H. de Almeida Filho ouve-se falando por varios artistas, o que tira todo cunho de sinceridade que o Film possa ter. Além de pouco se entender, não convence esse processo.

Lillian Bond e Merna Kennedy em "Fora do Serio".

Operador, David Abel. Antes que nos esqueçamos: — algumas montagens boas e um *shot* de uma fruteira com o braço de Kay Francis contrabalançando o *shot* que é bonito. Isto para não esquecer alguma cousa boa do mesmo.

Cotação: — REGULAR.

MEIA NOITE EM PONTO (The Cat Creeps) — Film da Universal. — Producção de 1930.

E' a terceira vez que assistimos Films feitos com este argumento de John Willard. Já vimos a versão silenciosa que foi a consagração de Paul Leni como director de assumptos de mysterio. "O Gato e o Canario" é um Film que ainda se acha na memoria dos "fans". Em seguida, quando ainda se experimentavam em nosso mercado os Films falados em hespanhol, assistimos á versão hespanhola deste que agora assistimos, sob o nome de "A Vontade do Morto". "Meia Noite em Ponto", que agora vemos, é a versão falada original, dirigida por Rupert Julian e tendo Helen Twelvetress, Raymond Hackett, Neil Hamilton, Lilyan Tashman, Elizabeth Patterson, Blanche Friderici, Theodore Von Eltz, Lawrence Grant, Montagu Love e Jean Hershott nos principaes papeis. Excusa-se dizer que para nós o Film perdia inicialmente 40%. Conheciamos o desenrolar todo do Film e, assim vendo a sua versão original apenas agora, não o pudemos devidamente apreciar. Para quem não viu os Films anteriores, no emtanto, esta versão merece ser assistida. Rupert Julian dirigiu-a satisfactoriamente e o elenco move-se com bastante desembaraço, muito acima do hespanhol e provando mais uma vez, cabalmente, que as versões em inglez, apesar da quantidade de letreiros, ainda continuam sendo melhores do que as faladas em hespanhol.

Proprio para os que apreciam Films de mysterio e para os que não viram os anteriores deste mesmo argumento.

Scenario de Gladys Lehman. Operador, Jerry Ash.

Cotação: — BOM.

:-: Leatrice Joy, depois de se casar com William Spencer Hook, declarou á imprensa que deixará o Cinema.

Von Sternberg

(Continuação do numero passado)

Conrad Nagel, Renée Adorée e Paulette Duval. A acção passava-se em França.

Em fins de 1925 a M. G. M. confiou a Sternberg a direcção de "The Big Parade". No meio do Film tirar-no da direcção, deram-na a King Vidor e passaram-no para outro "lot", onde elle deveria iniciar **Amor, Vicio e Virtude**, com Mae Murray e Francis X. Bushman. Athmosphera igualmente franceza. Justamente como o seu patricio Von Stroheim, Sternberg não se deu absolutamente com o genio de Mae Murray e, de briga em briga, terminaram com Von Sternberg deixando a M. G. M. e Mae Murray terminando o Film sob a direcção de William Christy Cabanne.

Em 1926, no fim do anno, Carlito offereceu-lhe a direcção de um Flim para elle, tendo Edna Purviance, "estrella" de **Casamento ou Luxo?**, como protagonista. Sternberg acceitou. Uma sua historia, "The Sea Gull", deveria ser approveitada e nella trabalhou Sternberg ainda com maior afinco.

Seis mezes depois elle e Carlito haviam comprehendido que não poderiam trabalhar juntos por questões de genio e separavam-se sem brigas e nem discussões, indo Von Sternberg para a Allemanha. Seis mezes elle lá passou, esperando emprego e não conseguindo nada. Em 1927, afinal, regressou a Hollywood e vinha com já bem poucas esperanças.

O primeiro emprego que lhe offereceram e que elle acceitou gostosamente, pois estava em situação realmente precaria, foi no Studio de Paramount, para ser chefe da sala de côrtes da mesma. Isto é: — editor chefe. No exercicio dessa funcção é que elle se revelou magistral, segundo opinião dos seus chefes, quando conseguiu fazer de "A Marcha Nupcial", de Von Stroheim, dois Films: — "A Marcha Nupcial" e "Lua de Mel", encadeando perfeitamente as sequencias e dando-lhes ligações perfeitas. Von Stroheim queimou-se com isso. Mas não era mais da fabrica e, assim, nada tinha a reclamar. De toda forma, com milhares de metros de negativo, Von Sternberg, innegavelmente, teve o merito de ditar com felicidade o trabalho de Von Stroheim, cortando-o menos do que o editor da M. G. M., quando editou "Ouro e Maldicção".

Depois disso é que se deu aquillo que os bons "fans" já sabem. Elle offereceu-se para fazer da historia de Ben Hecht, "Underworld", um Film de successo. O resultado, "Paixão e Sangue", todos tambem sabem o que foi. Elle subiu no conceito geral. Teve immediatamente um contacto. Passou a ser acatado. O seu azar abandonou-o, de vez.

"A Ultima Ordem" foi o seu segundo Film, com Emil Jannings e Evelyn Brent. Em 1928 fez elle "O Super Homem", com Bancroft e Evelyn Brent,

(Continuúa na pagina 32)

Este canto de CINEARTE já recebeu mais "material" para voltar ao lume da vida. Os *fans*, sempre interessantes e interessantes principalmente pela simplicidade dos mesmos, escrevem, semanalmente, trinta, quarenta e cincoenta cartas ao Operador. Todos pedem desculpas pela "caceteação" e todos acham que o Operador é muito "paciente". Não querem ver que é esse o seu serviço e um serviço que elle faz gostosamente... De toda forma, passou-me elle ás mãos mais estes trechos que abaixo transcrevemos com os commentarios que se fizerem necessarios.

—oOo—

Ranulia, uma pequena da Bahia que é morena e ardente como a sua terra, sincera e franca como os seus conterraneos, escreve, a respeito de John Boles, que tanto admira, o seguinte:

— Ha muito que admiro John Boles através seus Films. Agora o vi em *Resurreição*. Já conhecia, aliás, a versão com Dolores Del Rio e Rod La Rocque. Depois deste Film, no emtanto, fiquei fanatica por John Boles. Que homem! Que artista! Se Rodolpho Valentino fosse vivo, ficaria com ciumes delle... Elle é bello demais. Devia ser prohibido um homem ser formoso assim... E que desempenho magistral deu elle ao seu papel de principe Dmitri. Quando ainda estudante, ingenuo e, depois, quando official, cynico e devasso (não sei se devo empregar essa palavra, mas não encontrei outra para expressar-me...). Nas primeiras scenas, quando elle está com Lupe, naquelle carro e lhe diz: — "eu te amo, eu te adoro, Katusha! Quando enrubesces assim, então, eu te idolatro!". Sente-se que elle está amando, adorando, idolatrando, mesmo. Quando está naquelle *cabaret*, com a loira e apparece aquella bailarina morena dansando e elle, tomando-a nos braços, joga-a sobre aquelle divan para beijal-a mais a vontade, está formidavel, estupendo. Elle não representou: — viveu o seu papel e não fosse elle John Boles. Quando volta de S. Petersburg e beija Katuscha, sente-se que está outro, differente, mudado... Já não é mais o principe amoroso e bom para a sua amada. E' o homem bruto que deseja a mulher formosa encarnada naquella pobre camponeza. O desempenho de John foi muito superior ao de Rod La Rocque. Não sei se porque é muito mais bonito ou porque é muito mais attrahente. Talvez tenha trabalhado melhor. Não sei... Lupe só foi melhor do que Dolores Del Rio na scena da bebedeira, na prisão. No mais, sahiu-se bem, mas Dolores prestava-se mais para o papel. Quando Dmitri assiste ao julgamento de Katuscha, que expressão de dor no seu semblante e, por fim, quando ella se afasta por julgar-se indigna delle, a physionomia de John como que transfigura-se. Deus que me perdoe, mas, comparando-o, achei que tinha, no rosto, qualquer cousa de uma imagem do Coração de Jesus. Elle attrahe espontaneamente. Por pouco não sahi do meu logar para beijar os seus formosos olhos, na tela... Elle, John Boles, é vida, romance de amor que a gente sonha de olhos fechados e alma desperta. John Boles: — Greta Garbo masculina. Eu te amo, eu te adoro e quando olhas assim... eu te idolatro, John Boles!

—oOo—

Depois da apaixonada, ardente e sincera Ranulia, entremos pelo artigo "Um pouco de mim", que Lycio Neves, de Bello Jardim, Pernambuco, teve a gentileza de me remetter, "especial para esta Pagina". Vae transcripto na integra e sem ter a impectuosidade de Ranulia, não deixa de ser interessante para se ler.

Não amo mais, porque já soffri bastante esta "bestialogia". Fui desilludido, enganado por causa de um amor. Não amo mais, digo assim: — o amor tem estas consequencias, rouba a paz ou o socego do espirito. Muitas vezes eu verti lagrimas por causa de S. A. J.

— Allô! Allô! Fala Papae Noel...

Pagina dos Leitores

quem advinha?... Não amem, *fans*, porque o amor é um peccado eterno, um veneno que mata e resuscita! Vamos outra: — detesto o homem casado que quer "bancar" solteirão namorando com as moças e tambem detesto o rapaz "enchirido" (?). Não gosto de brincadeiras que me offendam. Abuso o rapaz que me diz que é meu amigo sem provar. Penso que os que dizem assim é se preparando para uma calumnia e uma trahição. Agora, quando eu encontrar um verdadeiro amigo, eu venerarei de todo coração e primeiro eu o experimento para saber a verdade. Não gosto de "fuchico" e de falar com quem não tenho conhecimentos,

José Ricardo, filho de Gentil Roiz, já é leitor de "Cinearte".

especialmente com gente antipathica e orgulhosa. Aprecio a fama e gosto de ler romance e CINEARTE. Dos romances, eu aprecio um bem sentimental como *A desgraçada*, de Elysiario da Silva e muitos outros. E CINEARTE, porque aprecio o Cinema do Brasil. O neu escriptor favorito é Medeiros e Albuquerque. Aprecio a direcção dos Films de Humberto Mauro. Gosto de todos os artistas da *Cinédia*. Particularmente Ernani Augusto. Tambem Taciana Rey. Acho estes dois os melhores. Aprecio o Film tragico que contem *hokum*, como *Chacal Amoroso*, com Emil Jannings. Uma cousa eu sinto em mim: — a paixão pelo Cinema americano acabou-se, porque existe o Cinema Brasileiro. "Ser sincero", é o meu emblema e acho que todos os *fans* devem ser assim.

Por causa de amigos bons como o Lycio Neves é que Paulo de Magalhães inventou "boa bola"!

—oOo—

Agora leiamos o commentario que, de *Mulher*... faz Cely Nomara, uma das leitoras mais assiduas e mais interessantes de CINEARTE e consulente que o Operador tanto aprecia.

— Eu sabia, quando me dirigi ao Capitolio, que ia ver não sómente um Film Brasileiro, mas um bom Film. Tive, no emtanto, uma surpresa: — é que elle era muito melhor do que eu esperava, apresentando, mesmo, um progresso notavel sobre o ultimo Film da *Cinédia*, *Labios sem beijos*. Esse facto é muito significativo, porque além de provar um grande desejo de perfeição impellindo a *Cinédia* a apresentar sempre um trabalho superior ao antecedente, prova, ainda, talento e tenacidade acima do commum, pois não creio que os americanos fizessem, no logar dos que lutam pelo verdadeiro Cinema Brasileiro, um Film como esse, com os mesmos recursos e cercados das mesmas difficuldades peculiares ao nosso meio. Tenho, mesmo, a certeza de que não o fariam. Mas felizmente ha tenacidade e talento e com essas duas qualidades, vae-se muito longe. Sahi do Cinema, orgulhosa com os meus patricios. Sendo minha opinião um pouco suspeita, devido aos olhos benevolentes com que se olha sempre aquillo que se gosta e eu muito gosto do Cinema Brasileiro, prefiro citar, primeiramente, a opinião de outra pessoa que, sendo estrangeira, não tem os mesmos motivos que eu para se enthusiasmar. Essa opinião é que o Film é agradavel e bem feito, com um argumento interessante, boa photographia e interpretação dos artistas, technica moderna, interiores elegantes e paisagens admiraveis. Foram mais ou menos estas as suas palavras e, note-se, é uma pessoa completamente indifferente aos nossos Films. No emtanto, não está animada do desejo de que parecem possuidos muitos Brasileiros, de ridicularizar o que é nosso, só porque é nosso e tambem, (para que negar?) porque pensam que é "chic" desprezar os nossos productos e exaltar os do estrangeiro, sem reflectirem que, com isso, se ridicularisam a si mesmos, revelando-se incapazes de saber distinguir o que presta do que não presta, o que tem valor, daquillo que não o tem. Porque se ha Films Brasileiros ruins, ha, em compensação, outros muito bons, como, por exemplo, *Mulher*..., que me agradou muito mais do que *Princesa Enamorada*, por exemplo, apesar de Charles Farrell... Tive, entretanto, o prazer de achar o Capitolio cheio quando entrei. A victoria virá, embora devagar, mas por isso mesmo mais solida e mais firme. A minha opinião sobre *Mulher*... é semelhante á da pessoa que citei. Desde a primeira scena, em que a objectiva percorre todo o interior miseravel daquelle lar (que lar!) preparando-nos para assistir a uma scena repulsiva, como consequencia do vicio e da miseria, até ao final, quando Carmen Violeta, humilde e amorosa, beija as mãos de Celso Montenegro, sente-se o

(Termina no fim do numero).

Von Sternberg

(Continuação da pagina 30)

onde Bancroft era policia em vez de "gangster". Juntamente com esse seu trabalho, elle e Benjamin Glazer haviam escripto um scenario. Chamou-se elle, "A Rua do Peccado" e tendo Emil Jannings e Fay Wray nos principaes papeis, foi pela Paramount dado á direcção de Mauritz Stiller.

Em fins de 1928, dirigiu elle "Dócas de New York", de um scenario de John Monk Saunders, tendo Bancroft e Betty Compson nos primeiros papeis. Depois veio "Romance de Lena", com Esther Ralston e James Hall e, finalmente, terminando com este Film a sua carreira no Cinema silencioso, iniciou-se no falado com "Homem de Marmore", tendo Bancroft, Fay Wray e Richard Arlen nos primeiros papeis. Todos elogiaram o seu trabalho e disseram, naquella época em que o Film falado era terrivel, que tinha qualquer cousa de admiravel: — era o numero reduzido de dialogos e a muita expressão photographica, os recursos jamais abandonados pelo cerebro profundamente Cinematographico de Von Sternberg.

Em 1930, no intervallo de um contracto para outro, resolveu elle descançar um pouco na Allemanha e, tendo autorização para dirigir um Film para quem entendesse, contractado foi por Erich Pommer, assim que desembarcou, para dirigir Emil Jannings em "O Anjo Azul".

Procurando uma "estrella" para coadjuvar Jannings é que Von Sternberg descobriu, num theatro de operetas, Marlene Dietrich, hoje a maior sensação do Cinema falado. Sternberg já era responsavel por um artista idolatrado pelo publico: — George Bancroft. Com Marlene, conseguiu novo tiro de bilheteria para a Paramount. E trouxe-a com elle, assim que regressou.

Chegando a Hollywood em companhia da sua nova "estrella", lançou-a em "Marrocos" ao lado de Gary Cooper. Foi um successo. Mas em "Deshonrada" é que ella confirmou os seus predicados de artista e em "Deshonrada", tambem, que Von Sternberg volta a ser o mesmo antigo magico das sombras e o estupendo director que tantos admiram, como nós, dentro de até uma certa idolatria.

Marlene, depois de "Deshonrada", foi fazer uma viagem de recreio a Berlim e Von Sternberg, sem a sua "estrella", ficou parado alguns tempos. Foi então que a Paramount resolveu dar-lhe a direcção do discutido "An American Tragedy", do romance e péça de Theodor Dreiser. Era para ter sido dirigido por Sergei M. Eisenstein, mas, afinal, cahiu nas suas mãos. O director russo fez uma adaptação, para a historia, que era visivel e declarada campanha communista, pois seria o Film mais anti-capitalista do mundo. Por isso a Paramount dispensou-o. Von Sternberg obteve, depois do Film exhibido, os seus maiores louros pela direcção do mesmo. A Phillips Holmes e Sylia Sidney couberam os principaes papeis.

Physicamente, Von Sternberg é pequenino, cheio de corpo, temperamento irritadiço ao extremo. Tem o pescoço sempre envolto por qualquer tecido e os bigodes cahem-lhe pelos cantos dos labios geralmente relaxados. Os cabellos, tem-nos elle em desordem perenne. Dá a impressão de ser asthmatico.

O passado marcou, nesse homem, pelos soffrimentos e contrariedades, os seus caracteristicos visiveis: — é indelicado, violento e exigente ao extremo. Sente volupia de fazer outros soffrerem exactamente o que elle passou.

A fatalidade é o maior recurso dos seus argumentos. Elle põe a fatalidade em todos os seus Films. E', tambem, um outro dos seus caracteristicos. Em materia de illuminação, Von Sternberg é numero um. Os seus **shots** são os mais admiravelmente cortados que já se viram e os seus claros escuros auxiliando a historia, são simplesmente admiraveis. Nisso tudo entra a sua antiga pratica de todos os pequeninos detalhes internos de Studio. Aprendeu tudo e, sendo culto e intelligente, ainda por cima, tornou-se por isso mesmo notavel.

Hoje em dia, sem contestação, Von Sternberg é um dos que têm feito um Cinema falado differente e alguem que já está approximando o Cinema mais do que antigamente elle era. A este respeito, mesmo, elle teve esta phrase:

— As palavras não devem ser mais do que a orchestração de um Film. Devem ser utilisadas como notas de musica. A importancia dellas não deve ter a importancia de um detalhe e, sim, devem ser postas nos Films mais como complemento indispensavel do que como necessidade, propriamente. Em "O Anjo Azul", por exemplo, já que é o primeiro que me vem á cabeça, eu expliquei tudo pela imagem. A palavra apenas collaborou, dentro da época e substituindo tão sómente o titulo falado.

Alguem lhe perguntando o que pensava de Films de these sovietica, elle respondeu:

— Acho que qualquer obra de arte, seja ella qual fôr, jamais deve defender esta ou aquella doutrina. A obra de arte deve alimentar-se della mesma. As flores, nos campos, têm a sua propria significação. Num vaso, dentro de uma sala ou á janella, a significação que tem é nulla e apenas o homem é que lhe dá aquella que sua phantasia porventura imagine. Apenas. Mas é no espirito do homem que está a phantasia e não nellas... Acho que assim é que devem ser os Films. "O Anjo Azul", por exemplo, não tinha uma significação particular. Milhões de espiritos, vendo o Film, darão a elle um espirito differente, cada um. Não seria eu que os devia influenciar. A obra de arte ideal, segundo meu ver, deve ser como um espelho sem macula. Quem della se approximar, dará a sua propria imagem a elle...

Actualmente elle está dirigindo "Shangai Express", com Marlene Dietrich, Clive Brook, Anna May Wong e Warner Oland.

Eis no que se resume a carreira deste notavel director.

SUZY...

(FIM)

pelo artista. Cuidam da sua publicidade, de tudo. Collaboram com o artista. Em França, ao contrario, são rispidos e "contra" o artista! E' por isso que muitos, realmente bons, se desgostam e mandam a industria plantar favas. O que tambem não cuidam, é de estudar uma personalidade e lhe dar bons papeis. Dão aquelles que querem e fingem não comprehender que um só máo papel pode arruinar para sempre um artista e toda sua carreira.

Terminámos a conversa com ella. Já tinhamos o sufficiente para informar os "fans".

Cinema de Amadores

(FIM)

te á Movex, é porém de dimensões mais reduzidas, igualmente automatica, utilizando um visor semelhante, um châssis semelhante, um contador semelhante, e uma lente anastigmatica Hermagis F 3,5 com 20 millimetros de distancia focal. O Film é conhecidissimo; ao invéz de apresentar uma perfuração de cada lado da linha que separa os quadros, mostra apenas uma no centro dessa mesma linha. O Film de 16 millimetros, ou sub-standard, tem as seguintes dimensões para cada quadro: 16 millimetros de largura por 7,62 de altura. O do Film 9,5 mede 9,5 millimetros de largura por 7,54 de altura. Si se desprezam porém as duas faixas do Film sub-standard, onde se acham as perfurações, vê-se que a dimensão realmente aproveitavel de cada quadro do Film sub-standard é só de 10,5 millimetros por 7,62 e dando portanto uma superficie de 80 millimetros quadrados, emquanto a superficie do quadro do Film Pathé 9,5 é de 71,6 millimetros quadrados.

Em conclusão pois, o Film 9,5 é pouco inferior ao Film sub-standard, produzindo quasi os mesmos e identicos effeitos.

Aos Amadores recommendariamos experimentar a nova camara Movex. Em seus detalhes mais precisos, a que mais se destaca de todas as outras é evidentemente a Victor.

A historia toda de Jean Harlow

(F I M).

— Que massada!

Respondeu Jean, pensando na caceteação que elles iriam ter repetindo tudo de novo.

— Talvez não seja...

Respondeu Ben, caçoando com ella.

— Talvez possa ser a victoria de mais pessoas, ao nosso lado... Alguma pessoa muito loira que queira tentar esse papel...

— Não estão suggerindo "eu" para esse papel, estão?...

— E por que não?

Respondeu James. E no dia seguinte tinham conseguido que Howard Hughes, o productor joven e millionario, se avistasse com ella para consideral-a para o mesmo papel.

— Até hoje não sei como foi que consegui tomar aquelle papel. Acho que Howard Hughes já estava tão cansado de olhar loiras para o mesmo que, quando me vi, ainda mais loira do que as outras, promptamente acceitou sem maiores discussões...

Hollywood estremeceu quando soube que uma "desconhecida" Jean Harlow ia ser a "estrella" de "Anjos do Inferno".

Antes della se apresentar na primeira de "Anjos do Inferno" em Hollywood, num vestido que causou sensação, fez-se ella, em pouco tempo, a estimada de todos. Todos a acharam muito sympathica e foi intensa a camaradagem e a boa amisade que entre todos os conhecidos ella espalhou, num relance.

Quando o Film foi exhibido, o seu nome galgou o primeiro degráu da escada da fama. Tornou-se celebre, do dia para a noite. Howard Hughes contratou-a por longo praso e apesar della não ter, até hoje, feito novo Film para elle, o que vae fazer em breve, alugada foi ella á M. G. M., para "The Secret Six", á Universal, para "Por Uma Mulher", á Warner, para "The Public Enemy" e, ultimamente, á Fox, para "Goldie" e á Columbia, para "Platinum Blonde" ("slogan" que lhe deram logo que a viram em "Anjos do Inferno).

Hoje em dia, apenas começando a sua carreira e ella apenas com vinte annos, tudo lhe sorri. Ainda poderá ser um nome mais importante e mais admirado do que Greta Garbo ou Marlene Dietrich e para isto não lhe falta "sex appeal" e nem força de vontade.

Mulher sem algemas

F I M

pode deixar de mais ainda amargar diante do passado...

No momento em que mais pensa em Dick, recebe a visita de Margie. Ostensivamente ella lhe fala no amor que tem por Dick e na paixão que este por ella tem.

— Já que não mais estás em sua companhia, por que não o libertas de vez? Além disso, Anne, temos passagens para Honolulu, onde, se consentires e deres a liberdade delle, iremos passar nossa lua de mel...

Aquella sinceridade feria-a até ao coração. Mais uma tremenda humilhação que lhe atira Dick ao rosto...

— Se Dick assim apaixonado está por você, Margie, leva-o comtigo...

E' tudo quanto diz.

——

No dia marcado para a partida de ambos para Honolulu, Anne soffre profundamente. Não resiste, no emtanto, ao desejo de lhe telephonar. Quebra o orgulho que a domina e falo, tremula de nervos e tanto soffrimento. Respondem-lhe que Dick já deve estar a bordo... Impetuosa, soffrendo a reacção de mais aquella bofetada, liga o telephone para Price Baines e lhe diz o que succedera.

— Quando quizeres, serei tua...

Diz ella, em pranto, mal disfarçando a sua profunda agonia. Mas sente passos atraz de si. Volta-se. Larga o phone e, do outro lado do fio, Price Baines, apatetado com tudo aquillo, pensando que ella enlouquecera...

E', Dick que está diante della. A historia do embarque nada mais fôra do que um ardil de Margie. Elle ali viéra para lhe pedir perdão pelo que fizéra.

— Leva-me comtigo, Dick, para sempre! Agora eu saberei ser tua esposa e guardar-te só para mim...

Abraçam-se e trocam o beijo mais quente e mais apaixonado da "carreira" amorosa que ha tanto tempo viviam...

Porque as estrellas são populares

(F I M)

Physicamente falando, Wallace Reid e Harold Lockwood foram, sempre, os homens mais perfeitos da historia do Cinema. Nenhum delles é lembrado pela boa arte com a qual viviam os seus papeis...

Falando de Carlito, fala-se invariavelmente de comedia. Pensando em Carlito, pensa-se invariavelmente no lado pathetico da vida.

Não é o seu talento comico que o tem elevado ao plano invejavel onde hoje se encontra. E' o lado pathetico que todo Film seu tem e em grau maximo. Pode o "fan" lembrar-se de qualquer Film delle, mesmo dos mais antigos. Em todos havia esse lado pathetico que tanta fama lhe grangeou e tanta sympathia attrahiu para os seus papeis vividos com tamanha sinceridade. Não é a comedia a sua popularidade. E' o sentimentalismo do seu typo e o que elle invoca.

Janet Gaynor é adoravel por causa da sua espiritualidade. Mas muito mais popularidade lhe grangeou, do que isso, a sua sinceridade. Nos Films, Janet é sincera com os homens que a querem e a amam. Em "Setimo Céo", viveu a sós com Charlie Farrell numa agua furtada e nenhum espectador maliciou qualquer uma de suas scenas. Janet era sincera com Charlie e essa sinceridade era tão espontanea, tão verdadeira, que não havia um só, em todo mundo, assistindo o Film, que não apreciasse e não venerasse esse aspecto. O mesmo deu-se com ella em "Aurora" e, ultimamente, em "Papae Pernilongo".

(Conclue no proximo numero)

Pagina dos Leitores

(F I M)

carinho com que foi confeccionado o Film, a attenção, ao menor detalhe, substituindo, ás vzees, por um symbolo expressivo e bem adequado, uma situação um tanto forte. A technica, parece-me, está mesmo mais perfeita e mais moderna do que em "Labios sem Beijos". Carmen Violeta creou um typo muito interessante de mulher e mostra-se tão seductora, tão graciosa, tão "ella mesma" que attrahe a sympathia de todos para a personagem que vive e para si propria, como artista. Achei-a bastante expressiva, principalmente na scena com Carlos Eugenio, em que seu rosto manifesta a repugnancia e o desgosto pelo desvario daquelle que ella considerava como um verdadeiro amigo. Ruth Gentil, nas scenas em que toma parte, chama para si toda a attenção dos espectadores, com os seus lindos olhos expressivos que lembram os de Pola Negri, seu sorriso admiravelmente photogenico e sua facilidade em exprimir as mais variadas emoções.

(Conclue no proximo numero)

Cinearte

REVISTA CINEMATOGRAPHICA

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000. — Estrangeiro: 1 anno, 78$000; 6 mezes, 40$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Rua Sachet n.° 34 — Telephones: Gerencia: 3.4422 — Redacção: 8-6247 — Rio de Janeiro.

EM S. PAULO
Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti. — Rua Senador Feijó n. 27 — 8° andar — Salas 86 e 87 — S. Paulo

Representante em Hollywood.
GILBERTO SOUTO.

KAREN...

(Continuação do numero passado)

Seu terceiro film é "Scarface", para a United com Paul Muni. Ahi já é a embriagante taça de Champagne... Tem um papel curioso e sob uma cabelleira loura com uma formosura já perfeita, Karen mostrará como sabe ter sophismas e ser sensual...

Em "Politics" com Marie Dressler e "Mata-Hari" com Greta Garbo ella apparecerá de novo. Espero que continue no Cinema e consiga o que merece: boa posição e bonitos Films. Karen já é muito querida e adoravel para ser uma simples estrella sem Films Tem todos os caracteristicos para o agrado popular, bilheteria, e para ser "bowa". Mais ainda uma distincção suavissima e inconfundivel para desnortear... Não quero dizer que já seja um nome de arrebatar e a melhor artista do mundo. Mas é uma pequena que todos estimam porque é dona da sympathia mais cantagiosa que já vi e é a imagem viva da felicidade. Karen fica bem dentro do coração da gente e que relicario melhor do que esse pode haver?!

E' por causa de figuras assim que o Cinema Americano triumpha sempre, e o Russo agrada a poucos. Este não possue encantos que são a propria vida como esta Karen divinal que o yankee apresenta. Karen, o "collossinho" de photogenia e belleza, que não mostrou o corpo e seduziu á muitos. E' porque não excitou sómente o sensualismo das massas. Captivou tocando o coração. E' bem por isto que gosto tanto della. Sua belleza não é para provocar delirios e sua seducção não é fascinantemente sensual. Mas Karen agrada, prende e interessa, sempre. Exotismo? Talvez... pois lembra-me aquella exquisita musica indigena "Auê", que Tamea cantava para o seu Dan, em "Delirios de Amor", porque tinha o magico poder de o prender ao seu lado...

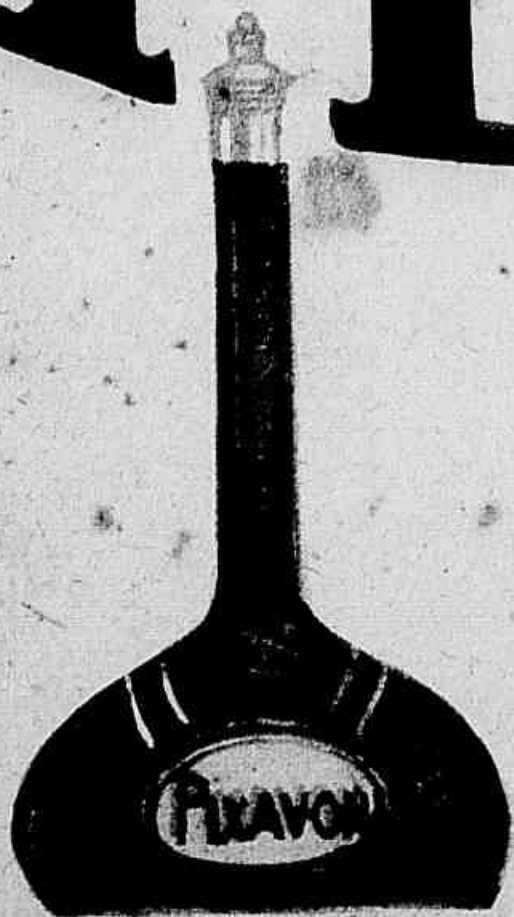
Karen... Gosto de sua sinceridade espontanea. Gosto de sua distincção de Tanagra e da magia de seu sorriso. Gosto de seus olhos cheios de garôa e daquelle seu geitinho de quem sonha e se desillude. E não sei como Constance ou Joan Bennett, podem ter "cotação", existindo creaturas como Karen Morley.

Karen... estou começando a sentir loucura por você!... Talvez seja inconveniente dizer isto. Mas Wilde já declarou: "Posso resistir a tudo menos a tentação". E Karen é uma tentação das mais irresistiveis!

Karen... um sonho de valsa. Um sonho de saudade. Um sonho de felicidade!...

A' Classe Medica e ao Publico em geral

Continuando a chegar ao nosso conhecimento, (apesar dos annuncios que fizemos nos jornaes desta capital) que o individuo, que diz chamar-se ADHEMAR PINTO DE CAMPOS, dizendo-se nosso viajante, angaria assignaturas de revistas medicas, nos Estados: S. Paulo, Minas e Paraná, avisamos á distincta classe medica e ao publico em geral, que não conhecemos esse individuo, que não vendemos revistas medicas e que não temos viajante, não passando portanto esse individuo de um chantagista, para quem pedimos, as penas da lei, avisando outrosim, que não nos responsabilisamos, pelos documentos e recibos passados pelo mesmo. Rio, 16 de Novembro de 1931. Pimenta de Mello & C. Rua SACHET, 34 — Rio

DVORAK
ANN DVORAK
CINEARTE

PIXAVON
Minha senhora,
a moda actual exige não só que se accentue a linha do corpo, mas tambem que se use os cabellos cortados "á la garçonne", innovação graciosa e original que completa harmoniosamente a silhueta.
Mas, para obter este conjuncto harmonioso, não basta cortar os cabellos, é necessario que se possua uma cabelleira farta, flexivel e brilhante.
Este alvo que tantas mocas buscam em vão, V. Exa. poderá alcançar lavando seus cabellos, habitualmente, com PIXAVON, sabão liquido de alcatrão, conhecido e usado em todo mundo e que lhes dará a belleza, o brilho e a flexibilidade que permitte obter as encantadoras ondulações tão desejadas por todas as senhoras.
E' ao PIXAVON que as senhoras de hoje devem, em parte, as homenagens que lhes são rendidas, porque é elle que lhes completa a belleza e graça, dando-lhes uma cabelleira digna de ser apreciada e até invejada.
O PIXAVON é o unico no seu genero, e nenhum outro preparado de sabão liquido de alcatrão o substitue. Tanto para seu uso em casa como no cabellereiro, exija sempre a marca
PIXAVON.
O PIXAVON é vendido em vidros originaes, fechados.
PIXAVON